

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

CAINÃ GOMES SÜFFERT

**TRAÇOS DE MEMÓRIA E DE DOCUMENTOS: UMA TRAJETÓRIA DOS 25 ANOS
INICIAIS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA NA UFRGS**

Porto Alegre
2017

CAINÃ GOMES SÜFFERT

**TRAÇOS DE MEMÓRIA E DE DOCUMENTOS: UMA TRAJETÓRIA DOS 25 ANOS
INICIAIS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA NA UFRGS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Profa. Ma. Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Titular: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Substituto: Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Titular: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipert

Substituto: Prof. Dr. Renê Faustino Gabriel Junior

CIP Catalogação na Fonte

Süffert, Cainã Gomes

Traços de memória e de documentos: uma trajetória dos 25 anos iniciais do Curso de Biblioteconomia na UFRGS / Cainã Gomes Süffert. -- 2017.

70 f.

Orientador: Marlise Maria Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Memória Coletiva. 2. Memória Institucional. 3. Curso de Biblioteconomia da UFRGS - história. 4. UFRGS - história. I. Giovanaz, Marlise Maria, orient. II. Título.

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Rua Ramiro Barcelos, nº 2705 – Bairro Santana
CEP 90035-007 – Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3308-5067
E-mail: fabico@ufrgs.br

Cainã Gomes Süffert

TRAÇOS DE MEMÓRIAS E DE DOCUMENTOS: UMA TRAJETÓRIA DOS 25 ANOS INICIAIS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA NA UFRGS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Profa. Ma. Marlise Maria Giovanaz

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: - Profa. Ma. Marlise Maria Giovanaz

Profa. Ma. Jussara Pereira Santos

Profa. Ma. Priscila Chagas Oliveira

Aos meus pais, pelo apoio sempre. Sei que me acompanhar nesta jornada não foi fácil, reconheço toda dedicação, tempo disponibilizado e carinho demonstrado. Sem vocês este trabalho não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Rejane Araújo Gomes e Ricardo Litwinski Süffert: eu não costumo expressar meus sentimentos com vocês, porém em nenhum momento isto significa que eu não me importo. Eu nunca vou ser capaz de agradecer por todas as montanhas que vocês moveram para abrir meu caminho ou o apoio que me proporcionaram. Pai, teu empenho em buscar sempre a excelência no que fazes, me inspira. Sei que nem sempre recebi bem teus conselhos, mas em sua maioria eles foram de extrema importância, obrigado pela gigantesca paciência para comigo. Mãe, eu me orgulho da tua busca implacável pelo conhecimento, não se deixando estagnar. Obrigado por me ouvires nos momentos em que duvidei de minha capacidade.

Laura Maria Martins Ferreira Santos: eu estava lá, vivendo da minha vida, quando de repente você veio com seu sorriso e se transformou no meu raio de sol, me inspirando a querer ser alguém melhor e a não desistir, quando eu me encontrava perdido. Obrigado pela companhia nas madrugadas intermináveis, pela paciência, pelas verdades que precisei ouvir e pela cumplicidade que só você é capaz de proporcionar.

Jussara Pereira Santos, Marlise Maria Giovanaz e Priscila Chagas Oliveira: Marlise, obrigado por comprar minha ideia e me orientar em toda esta jornada. Desde meu primeiro semestre, quando fostes minha professora, nutro grande admiração pela tua pessoa e pelo modo como consegues cativar teus alunos. Jussara, quero agradecer por teres aceitado fazer parte de minha banca e dizer que é uma honra ter uma professora que tanto se doou por este Curso participando deste trabalho. Priscila, agradeço por aceitares ser parte de minha banca e gostaria de dizer que, de forma indireta, acabastes sendo parte do processo que me inspirou a querer fazer este trabalho, obrigado.

Emely Jensen, Martina Werner, Morgana Werner, e Sheila Porto: considero vocês minhas amigas mais antigas. Coincidência ou não, acabei em algum momento me distanciando de vocês, mas quando nos reencontramos senti como se houvésemos passado somente um fim de semana sem nos vermos. Obrigado pelas jantadas divertidíssimas, pelas festas que acabaram antes das duas horas da manhã e pelos conselhos, que nem sempre aceitei em um primeiro momento, mas se mostraram necessários. Sei que, mesmo que venhamos a nos distanciar novamente, será apenas temporário.

Iara Breda de Azeredo e Romilda Teofano: considero vocês não só amigas e ex-chefes, mas também professoras. Através de vocês pude vivenciar o trabalho de bibliotecário e acrescentar o conhecimento adquirido ao que a academia me proporcionou. Obrigado por tudo!

Aos colegas da graduação, dos estágios e amigos de congressos: vocês foram muito importantes ao longo da minha trajetória na graduação, seja pelas cadeiras que compartilhamos, os trabalhos que fizemos em grupo, as risadas nos intervalos, a saga da sinuca e a pata de cachorro, as idas à Redenção para tomar chimarrão, as cervejas na tia Vilma, os congressos que participamos, as conversas nos intervalos do trabalho, entre outros momentos. Enfim, vocês são responsáveis pelas minhas boas lembranças e momentos nesses anos de vida acadêmica e só tenho a agradecer por isto e pela amizade de vocês.

“Uma canção sentimental tem esse grande poder de levar a gente pro passado enquanto, ao mesmo tempo, carrega pro futuro, de modo que é alguma coisa simultaneamente nostálgica e esperançosa.”

(Nick Hornby)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso conta a memória e a história do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especificamente em seus 25 anos iniciais, além de intencionar identificar o que motivou sua criação e quais foram os agentes responsáveis por sua criação e manutenção. O presente trabalho aborda as duas escolas iniciais de Biblioteconomia no Brasil e suas influências, além de apresentar um histórico da profissão bibliotecário e do ensino da mesma no país entre 1911 e 1947. A metodologia aplicada na confecção deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica e a análise documental, utilizando-se o conceito de memória coletiva para produzir a chamada memória institucional. Foram pesquisados, através de análise qualitativa, documentos do Arquivo e da Biblioteca da Fabico, além de trabalhos acadêmicos e artigos disponíveis em periódicos online. O trabalho conclui que a memória da Biblioteconomia da UFRGS encontra-se dispersa em documentos e trabalhos acadêmicos, porém ainda não organizada, o que resulta em esquecimento.

Palavras-chave: Memória Coletiva. Memória Institucional. Curso de Biblioteconomia da UFRGS - história. UFRGS - história.

ABSTRACT

This final paper tell the memory and history of the first 25 years of the Federal University of Rio Grande do Sul Graduate Library School and also intends to identify what motivated its creation and who were the characters responsible for it and for its maintenance. This paper addresses the two first library schools in Brazil and its influences, as well as presents a background of the librarianship and how it was taught in this country between 1911 and 1947. The methodologies applied in this paper were bibliographic research and document analysis, while the concept of collective memory was used to build institutional memory. Qualitative research methods were used to analyse documents of Fabico's archive and library, along with academic papers and other articles available in online journals. This paper finds that the memory of the UFRGS Graduate Library School is scattered among documents and academic papers but it is not yet not organized, which results in forgetfulness.

Keywords: Collective Memory. Institutional Memory. UFRGS's Graduate Library School - history. UFRGS – history.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ARB	Associação Rio-grandense de Bibliotecários
BN	Biblioteca Nacional
CEDETEC	Casa do Desenvolvimento Tecnológico
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
ELSP	Escola Livre de Sociologia e Política
EREBD	Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação
FABICO	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
FURG	Universidade Federal de Rio Grande
MEC	Ministério da Educação e Cultura
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UPA	Universidade de Porto Alegre
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Currículo Mínimo do Curso de Biblioteconomia (1962)...	p. 27
QUADRO 02	Conselhos Regionais de Biblioteconomia.....	p. 32
QUADRO 03	Docentes vinculados a instituição entre 1947 e 1972.....	p. 40
QUADRO 04	Disciplinas e Docentes do Curso Extraordinário de Biblioteconomia em 1950 a 1953.....	p. 43
QUADRO 05	Disciplinas e Docentes do Curso de Biblioteconomia, de 1954 a 1959.....	p. 44
QUADRO 06	Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Primeira Série, de 1960 a 1964.....	p. 45
QUADRO 07	Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Segunda Série, de 1960 a 1964.....	p. 46
QUADRO 08	Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Terceira Série, de 1960 a 1964.....	p. 46
QUADRO 09	Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Primeira Série, de 1965 a 1971.....	p. 47
QUADRO 10	Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Segunda Série, de 1965 a 1971.....	p. 48
QUADRO 11	Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Terceira Série, de 1965 a 1971.....	p. 49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MEMÓRIA	15
3 O PERCURSO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL.....	21
3.1 BIBLIOTECA NACIONAL E MACKENZIE: OS PRIMEIROS CURSOS	24
3.2 RECONHECIMENTO LEGAL DA PROFISSÃO E DO ENSINO	27
4 HISTÓRIA DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	33
4.1 BREVE HISTÓRICO DA UFRGS.....	33
4.2 O INÍCIO DO ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA GAÚCHA.....	35
4.3 ANOS INICIAIS	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE A – LEIS E DECRETOS	61
ANEXO A – MEMORIAL ESCRITO PELA ARB PARA O ENTÃO REITOR ELYSEU PAGLIOLI	63
ANEXO B – DIPLOMA DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO LIVRE DE BIBLIOTECONOMIA EM 1947	66
ANEXO C – INFORMAÇÕES SOLICITADAS PELO MEC EM 09 DE SETEMBRO DE 1963	67
ANEXO D – RELATÓRIO DE REINVIDICAÇÕES DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO EM 21 DE OUTUBRO DE 1963.....	68

1 INTRODUÇÃO

O Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), criado em 1947 foi a primeira escola de Biblioteconomia da região Sul do Brasil, sétimo a existir no país e, conseqüentemente, foi responsável pela produção dos primeiros bibliotecários qualificados no Rio Grande do Sul. Neste ano de 2017, o Curso comemora 70 anos de trajetória e excelência em sua atuação e, acreditamos que sua memória não se deve olvidar.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar as informações acerca da memória do Curso de Biblioteconomia na UFRGS. Os objetivos específicos que se buscam responder são: encontrar e analisar documentos que esclareçam a implementação do curso de Biblioteconomia na UFRGS; identificar os agentes responsáveis pela criação e manutenção do Curso de Biblioteconomia na UFRGS em seus 25 iniciais; apontar o que motivou a criação do Curso de Biblioteconomia no Rio Grande do Sul.

Frente aos desafios postos acima o referencial teórico desenvolvido neste trabalho se ocupa em relacionar os conceitos de memória, assim como da trajetória histórico-social da atuação e ensino de Biblioteconomia nacional, dando ênfase ao Estado do Rio Grande do Sul. Almeja-se, também, tratar o reconhecimento legal da profissão e do ensino que a precede. Portanto, através de um viés exploratório e qualitativo pretende-se investigar, organizar e disseminar a memória do primeiro Curso de Biblioteconomia no Rio Grande do Sul se valendo de estratégia metodológica baseada em análise documental.

O presente trabalho se mostra necessário quando nos perguntamos: levando em consideração a preservação da memória do Curso de Biblioteconomia da UFRGS, quem foram os agentes responsáveis por sua criação e manutenção desde o período de sua inauguração em 1947 até 1972, e qual sua contribuição sociocultural no Estado?

Como aluno do Curso de Biblioteconomia desta Universidade, pouco conheci sobre o passado deste Curso, em parte por nunca ter me ocorrido procurar conhecer sobre e também, por não ser uma característica da instituição, abordar este tema, com exceção das comemorações de aniversário, como a que ocorreu em cinco de

dezembro de 2017 em decorrência de seus 70 anos enquanto instituição em atividade. Graças ao III Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação (EREBD) das regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul, que ocorreu na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 2016, no Rio de Janeiro, tive meu primeiro contato com o conceito de memória e sua relação com o campo da Ciência da Informação e, desde então, carrego comigo a vontade de dissertar sobre este tema.

Ao conversar com colegas graduandos e com profissionais da área formados nesta mesma instituição, descobri que essa lacuna do passado não causa curiosidade somente em mim. Alguns destes mencionaram que apenas em anos de comemoração desta instituição se falava sobre sua trajetória. Outra dúvida que me motivou a escolher este tema, foi a intenção de conhecer quem foram os professores que lecionaram nesta escola. Ao longo de minha vida acadêmica acompanhei a aposentadoria de algumas professoras, e ouvi de colegas mais antigos suas histórias envolvendo seus professores, atualmente aposentados, durante o período que estavam vinculados ao Curso. Acreditando que minha curiosidade e desejo por conhecer mais sobre este tema não seja um caso isolado, proponho neste trabalho trazer à luz estes personagens responsáveis por garantir a sobrevivência deste Curso ao longo destes 25 anos.

Reconhecendo a importância de uma boa estrutura metodológica para o desenvolvimento de uma pesquisa que atenda aos padrões pré-estabelecidos para a elaboração do conhecimento científico se faz necessário trabalhar a construção de competências que proporcionam a aplicação de métodos e técnicas de pesquisa durante a concepção do trabalho.

É preciso organizar, sistematizar e administrar o trabalho para evoluir da melhor maneira possível e alcançar os objetivos traçados inicialmente. Lakatos e Marconi (2003) dizem que a pesquisa “[...] é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 155). Entendemos então que a metodologia de pesquisa consiste em “[...]um processo que engloba um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, analisar, conhecer a realidade e produzir novos conhecimentos.” (OLIVEIRA, 2007, p. 43). Sendo assim, diz respeito à metodologia

de pesquisa o conjunto de procedimentos empregados para se conhecer, descrever e explicar o objeto durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

Quanto a sua natureza, o estudo aqui realizado trata de uma pesquisa básica (ou pura) em razão de ter como objetivo criar conhecimentos gerais sobre o tema, não necessariamente propondo soluções para problemas específicos ou prevendo aplicação prática. Como afirma Gil (1999, p. 26), a pesquisa de natureza pura “[...] procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas”.

Em relação ao tipo, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Segundo Oliveira (2007, p. 37), abordagem qualitativa é “[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico”. Além disso, como explica Flick (2009, p. 16), a pesquisa qualitativa “parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo.”

Ao vislumbrar construir uma narrativa histórica que preencha a lacuna da memória do Curso de Biblioteconomia na UFRGS os resultados pretendidos caracterizam-se por um viés exploratório, que tem, segundo Gil,

[...] como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental. (GIL, 1999, p. 43).

O mesmo autor conclui:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 1999, p. 43).

Ao se partir para a aproximação com o tema do trabalho: a memória da Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, utiliza-se de análise documental para a concretização do objetivo. Foram investigados documentos disponibilizados pelo arquivo da FABICO, trabalhos acadêmicos e artigos publicados em periódicos. Conforme Oliveira (2007, p. 98), “[...] o acesso a documentos escritos - seja em forma de relatórios, artigos, jornais, revistas ou mesmo em livros e documentos eletrônicos – em muito contribuem para um conhecimento mais aprofundado da realidade”, o que nos dará suporte para o desenvolvimento desta pesquisa.

Este trabalho de conclusão é apresentado em quatro seções, além desta introdução. Sua segunda seção aborda a conceituação de memória. A próxima seção explana a trajetória da Biblioteconomia no Brasil, abordando as primeiras escolas de Biblioteconomia e a legislação responsável pela legalização da profissão e de seu ensino, além dos órgãos responsáveis pela fiscalização e proteção desta profissão. Na quarta seção se discute a história do Curso de Biblioteconomia no Estado do Rio Grande do Sul, iniciando com um histórico sobre a universidade responsável pelo Curso, seguindo para o início do ensino de Biblioteconomia na referida universidade e, por fim, discorre sobre a razão de ser deste trabalho já mencionado anteriormente. A última seção apresenta as considerações finais, apontando que a memória do Curso encontra-se dispersa em documentos e trabalhos acadêmicos de forma não organizada, resultando em esquecimento.

2 MEMÓRIA

Quando pensamos em memória, pensamos na ação de lembrar algum evento passado onde não somos meros observadores distantes, mas personagens ativos. Esta memória, não necessariamente trata de um evento onde somos o único personagem capaz de efetuar este processo de lembrança. Nossa lembrança é exclusiva, porém existem detalhes comuns a outros indivíduos que são compartilhados, gerando uma memória coletiva. Agora considere que uma instituição de ensino é o foco de lembrança. Este Curso possui 70 anos de história e, ao longo desses anos, indivíduos criaram memórias de cunho individual e coletivas, algumas de maior importância, outras, do nosso cotidiano, que acabam por vagar no limbo do esquecimento. Apesar de não ser um organismo vivo, incapaz de produzir lembranças para si, esta instituição é composta por uma comunidade capaz de produzir e elaborar memórias coletivas. Ao falarmos de memória institucional, pretendemos falar sobre como os eventos do passado podem auxiliar na construção do presente e planejamento de um futuro. Sobre redescobrir o passado e renovar os vínculos, contribuindo para o desenvolvimento de sua identidade.

Neste capítulo utilizaremos autores como, Andreia Arruda Barbosam Henri Bergson, Iclea Thiesen Magalhães Costa, Iván Izquierdo, Jacques Le Goff, Jô Gondar, Maurice Halbwachs, Myrian Sepúlveda dos Santos e Pierre Nora para auxiliar na conceituação de memória e suas relações com lembrança, esquecimento, história, lugares de memória, informação e instituição, além de seus desmembramentos como memória individual e coletiva.

Tanto falamos em memória até agora, mas afinal, o que é memória? Izquierdo (2004, p. 16) a define como “[...] aquilo que se armazena, conserva e evoca de sua própria experiência pessoal.” Sua conceituação é correta, porém o autor pensa a memória unicamente como uma função do indivíduo. Podemos complementar com a definição do historiador Le Goff que afirma:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p. 419).

Ao rememorarmos um evento passado, evocamos nossas experiências anteriores, porém estas são percebidas no momento da lembrança a partir da consciência do presente, afinal, vivemos em constante transformação, física e mental. Por mais que um indivíduo se esforce para permanecer estagnado no passado, isto será impossível pois tal qual o tempo, inexorável, continuará avançando sempre em direção ao futuro. Conforme Gondar (2008, p. 3) afirma, trata-se de “[...] uma memória caracterizada como experiência interior e subjetiva.”

Um dos autores clássicos da memória, o sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945) não considerava a memória como atributo da condição humana, mas como resultado de representações coletivas construídas no presente, que tinham como função manter a sociedade coerente e unida (SANTOS, 2003, p. 21), sendo, portanto, um construtor de identidade social. Halbwachs foi aluno de Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês que encarava a memória como algo mais do que os conceitos que a psicologia estabelecia, esta buscando a dessubjetivação na conceituação de memória. Segundo Cordeiro, no final do século XIX e início do século XX, “A psicologia empregava esforços em estudos que apontavam a memória e as recordações como processos exclusivamente individuais.” (CORDEIRO, 2013, p. 104). Em seu livro, matéria e memória, Bergson (2006, p. 247) acredita que a memória “[...] prolonga o passado no presente” e, que o presente ao evocar a lembrança, utiliza-se de “[...] elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida.” (BERGSON, 2006, p. 179). Entende-se então que:

[...] a memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela. (BERGSON, 2006, p. 77).

Halbwachs, influenciado por Bergson, segue a linha de pensamento de seu mentor, contrariando o que chama de teoria clássica da memória, amplamente utilizada pela psicologia, que tinha como foco a conservação da memória do indivíduo, e propôs uma nova ótica, onde o foco está na evocação dessas

memórias, que se encontram fora do indivíduo. Porém o autor não concordava de todo com seu antigo professor. Segundo Cordeiro, Bergson defendia que devia-se abstrair a ação presente, ao tentar evocar o passado em forma de imagem, enquanto Halbwachs acreditava, “[...] que justamente não podemos prescindir é da ação do presente e, mais precisamente, dos marcos sociais.” (CORDEIRO, 2013, p. 106).

Ao trilhar seu próprio caminho, Halbwachs escreve duas obras, o livro *Les cadres sociaux de la mémoire*, onde cunha o termo quadros sociais da memória, que são a “[...] combinação das lembranças individuais de vários membros de uma mesma sociedade.” (HALBWACHS, 1976, p. 7). Já em sua obra póstuma *Memóire collective*, trata da memória coletiva, conceito criado pelo autor, sob grande influência durkheimiana, onde entende-se que por mais que sejamos capazes de produzir memórias individuais, sua recordação ocorre “[...] de acordo com estruturas sociais que os antecedem” (SANTOS, 2003, p. 69) ou, nas palavras do autor:

[...] se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo. (HALBWACHS, 2006, p. 41).

No campo da história, a memória coletiva será novamente estudada por Pierre Nora (1978), que a aponta como “[...] o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fizeram do passado.” (LE GOFF, 2003, p. 467). Nora também afirma que estamos vivendo um momento de desmoronamento da memória através da mundialização, a democratização, a massificação e a midiaticização, ou seja, isso significa o fim das sociedades-memória, responsáveis por assegurar a conservação e transmissão de valores e o fim das ideologias-memória, encarregadas de garantir a passagem regular do passado para o futuro, ou indicar o que se deveria reter do passado para preparar este futuro (NORA, 1993, p. 8). Entende-se então a necessidade da existência de lugares de memória, pois acredita-se “[...] que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos.” (NORA, 1993, p. 13). O autor aponta que o fim das sociedades memória (aqueles grupos que trocam experiências e convivências e as mantém vivas no intercâmbio de lembranças pautado na oralidade) nos levou a uma sociedade incapaz de

lembrar, o que nos obriga a alojar a memória em lugares (monumentos, livros, bibliotecas).

Concordando com esta opinião, temos a autora Myrian Sepúlveda dos Santos (2003, p. 19), que afirma que a “[...] memória enquanto aprendizado se perde no mundo da informação.” Para ilustrar este pensamento, somos apresentados a um exemplo onde ocorre a substituição de um artesão, por um operário de fábrica, representando que todo o conhecimento acumulado ao longo de uma vida (o artesão) perde seu valor ao ser trocado por um processo mecânico, repetitivo (o operário). A autora ainda complementa:

A memória que é valorizada é aquela que tem vínculos com o passado, com a tradição, com experiências transmitidas e negociadas. É uma memória a um só tempo individual e coletiva, e que pode ser percebida entre indivíduos, considerados sujeitos do conhecimento e da ação política. (SANTOS, 2003, p. 20).

Compreendemos então a importância da memória para a construção de nossa identidade, pois é através dela que rememoramos todas nossas experiências, afinal, como questiona Oliveira (2016), quem seríamos se perdêssemos nossas memórias? Porém, por mais que lembrar seja importante, no outro lado temos o esquecimento, também indispensável, pois é através dele que filtramos, selecionamos nossas memórias.

Pomian entende memória como a ligação “[...] que permite o ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre mantendo-se no presente, com passado.” (POMIAN, 2000, p. 508). Seguindo esta linha de pensamento o autor ainda afirma que essa reconstrução será sempre imperfeita pois “[...] o passado não pode, em circunstância alguma, ser simplesmente restituído na íntegra, e toda a reconstrução é sempre marcada pela dúvida” (POMIAN, 2000, p. 508) e, por isso que para efetuar uma reconstrução efetiva, utilizam-se vestígios, imagens ou relíquias, considerados suportes da memória coletiva. Estes suportes, para o filósofo, são responsáveis por todo nosso conhecimento adquirido do passado, chamando-os de documentos/monumentos.

Le Goff também aborda o documento/monumento, denominando-os materiais da memória e afirmando que monumentos teriam como características ligar-se ao

poder de perpetuação das sociedades históricas (de forma voluntária ou involuntária), servindo de legado para a memória coletiva e, o reenviar a testemunhos, que em sua maioria são escritos, já o documento “[...] parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito.” (LE GOFF, 2003, p. 526). Aqui percebe-se o porquê de, na metodologia se escolher o uso de análise documental para buscar a rememoração deste Curso de Biblioteconomia. Os documentos analisados foram de fundamental importância para este trabalho pois foi através deles que foi possível a confirmação das informações aqui reunidas. Porém, é preciso levar em consideração que os documentos escritos, assim como os monumentos, são carregados de intencionalidades e de subjetividades.

Retomando Halbwachs (2006), o autor afirma que até mesmo as lembranças individuais mais enraizadas estão impregnadas da relação com os outros sujeitos, e, por correspondência, com as organizações e com a sociedade. Porém, tanto as organizações quanto a sociedade se alimentam também de nossas memórias individuais para existirem. Tendo isso em mente, Barbosa (2010) entende que:

[...] a Memória Institucional consiste em uma (re) construção de fatos e acontecimentos significativos da trajetória e das experiências da organização, selecionados e (re) organizados com o objetivo de estimular o processo de (re) construção de uma identidade comum entre esta e seus públicos de interesse. Mas, embora essa identidade seja volátil e mutável em razão da complexidade do ambiente organizacional, é ela que, dialogicamente, pode propiciar o senso de pertencimento e a partilha de significados entre os sujeitos e a instituição. (BARBOSA, 2010, p. 11).

Seguindo esta linha de raciocínio, Icléia Thiesen Costa (1997) trata a memória institucional como elemento primordial no funcionamento das instituições, estando em permanente elaboração e evolução, visto que é resultante da função do tempo, englobando a instituição como um todo e sendo formada com o passar do tempo. A autora também defende que os indivíduos é que fazem a memória das instituições, sendo ela o reflexo dessa trajetória social e histórica.

Entende-se então o porquê da necessidade deste trabalho de conclusão, quando fazemos perguntas como: quem são os indivíduos que fazem parte da

memória do Curso de Biblioteconomia na UFRGS nestes 25 anos? Houve uma demanda de qualificação do profissional bibliotecário para motivar a criação deste Curso? Em sua trajetória histórica, existiram momentos de destaque? Se sim, quais seriam? Em algum momento se pensou em preservar os registros da instituição? Se sim, quais estes projetos e que final tiveram? Estas e várias outras questões podem ser respondidas caso haja uma preocupação de organizar os suportes de memória existentes, além de utilizar-se de outros métodos como a história oral, para enriquecermos e preservarmos a identidade desta instituição.

3 O PERCURSO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Para discorrer sobre o ensino de Biblioteconomia na UFRGS, é necessário contextualizar este objeto de estudo, a trajetória não só do ensino, mas da própria Biblioteconomia no Brasil, que se inicia no século XVI, mais precisamente 1549, ano em que os Jesuítas chegaram ao Brasil e trouxeram consigo as primeiras coleções que temos registro. Na sequência se aborda a criação da Biblioteca Real (atual Biblioteca Nacional) e seu histórico para enfim, dissertar sobre o início do ensino de Biblioteconomia no país, em 1911, com o primeiro Curso, criado pela Biblioteca Nacional (BN), até a criação do Curso de Biblioteconomia na antiga Universidade de Porto Alegre (UPA), atualmente UFRGS.

O Ensino de Biblioteconomia inicia-se em 1879 e segue em atividade até o presente momento. Para melhor abordar este tema, utilizamos uma estrutura de análise em fases sugerido por Fonseca¹ (apud MUELLER, 1985), que divide o ensino da Biblioteconomia no Brasil em três fases iniciais, a primeira fase ocorrendo no período de 1879-1929, com liderança da BN onde predominou a influência humanista francesa da *École de Chartes*; a segunda fase no período de 1929-1962 com forte influência de um novo curso fundado no *Mackenzie College*, em São Paulo, seguindo o modelo tecnicista norte-americano e, por último, no período de 1962-1970, quando, de acordo com informações obtidas no *website* do histórico do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), através da Resolução n. 3.261 do Conselho Federal de Educação fica estabelecida a uniformidade dos cursos desenvolvidos a partir dos currículos mínimos, definindo a duração do curso em três anos e com doze disciplinas obrigatórias a serem ministradas. Posteriormente, Mueller revisita esse conceito e acrescenta outras duas fases:

[...] a década de 1970, caracterizada pelo fortalecimento e proliferação dos cursos, pelo crescente descontentamento em relação ao conteúdo do currículo mínimo, pela influência da tecnologia e pelo aparecimento dos cursos de pós-graduação; e o período atual, a partir de 1982, data da aprovação do novo currículo mínimo e que será caracterizada, portanto, pela reformulação dos programas de ensino. (MUELLER, 1985, p. 3).

¹ MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino da Biblioteconomia no Brasil. Revista Ciência da Informação, Brasília, DF, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.

Como última e atual fase, Weitzel (2010) afirma que no ano de 2001, a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) “[...] deu início à sexta fase, em atendimento às novas exigências do Ministério da Educação e Cultura (MEC), no final da década de 1990, com suas diretrizes curriculares.” (WEITZEL, 2010, p. 125).

É de conhecido saber histórico que as primeiras bibliotecas brasileiras chegaram nesta terra ao longo do século XVI, provenientes de ordens religiosas, uma delas especificamente, a que exerceu maior influência, a Companhia de Jesus. A ordem religiosa foi fundada na Europa, em 1539, pelo espanhol Inácio de Loiola. Seus membros que ficaram conhecidos como inacianos ou jesuítas, chegaram ao Brasil em 1549, conduzidos por Tomé de Souza. O primeiro grupo de missionários, comandado pelo padre Manoel da Nóbrega, atuou no Brasil em atividades missionárias até 1759, ano em que foram expulsos do país e de todos os territórios portugueses por ordem do Marques de Pombal. Destas atividades missionárias, os jesuítas se dedicaram notavelmente às atividades de educação e de ensino.

Para tais atividades, além da assistência religiosa, os jesuítas construíram residências, igrejas, seminários, instalaram suas missões e os seus colégios. Até o século XVIII, já havia em sua totalidade, 19 colégios jesuíticos em todo o território, que como observou Silva (2008, p. 221), “funcionaram como verdadeiros centros culturais da época, com atividades literárias, musicais e teatrais”. Estas instituições já regidas por um método pedagógico próprio constituíam verdadeiros centros culturais e intelectuais. O livro era um recurso primordial para o preparo e o desenvolvimento destas atividades, logo, os jesuítas providenciaram livrarias (termo utilizado na época para designar o que hoje entendemos como bibliotecas) em todas as suas instalações. Sendo as principais livrarias, aquelas constituídas dentro dos colégios jesuíticos nas principais capitanias.

Estes colégios jesuíticos, diferentemente dos seminários e escolas, atendiam o público geral, ou seja, não somente aos padres, mas eram abertos a todos, sem nenhuma restrição. Estes espaços, de acordo com Leite (2010, p. 257):

[...] se encarregavam do ensino dos rudimentos da educação, da gramática, da retórica, das humanidades, das línguas bíblicas, da matemática, das “artes”, como era chamada a filosofia na época, e da teologia.

Entende-se então, que tanto no seu papel educacional, quanto ao acesso à leitura que estas proporcionaram, é incontestável a importância dos jesuítas e suas livrarias.

Para falarmos da primeira escola de Biblioteconomia, criada pela BN, precisamos antes falar do passado desta instituição, cuja trajetória é importantíssima para a história da Biblioteconomia. Utilizaremos para isto, o histórico da instituição disponível em seu *website*.

Em 1808 a Família Real portuguesa veio para o Brasil, fugindo do exército de Napoleão Bonaparte e, consigo trouxeram 60 mil documentos, entre livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas. Inicialmente nomeada Real Biblioteca, a BN foi fundada em 29 de outubro de 1810, e estava localizada nas salas do andar superior do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, na Rua Direita, hoje Rua Primeiro de Março, no Rio de Janeiro. O acervo estava inicialmente condicionado nas salas do andar superior do Hospital e, posteriormente, também em suas catacumbas.

No período de 1810 a 1820, Frei Gregório José Viegas e padre Joaquim Dâmaso são responsáveis pela gestão da Biblioteca, cargo que nas próximas quatro décadas, será ocupado apenas por religiosos, o que na época era comum. Em 1811 é liberado acesso para estudiosos e apenas em 1814, suas portas ficam totalmente abertas à população.

Em 1821 a Família Real volta para Portugal e leva consigo parte do acervo, mais especificamente, os manuscritos da coroa. Neste mesmo ano, Luís Joaquim dos Santos Marrocos torna-se o novo dirigente da Biblioteca, permanecendo neste posto até 1825, quando Frei Antônio Arrábida o sucede, até 1837. O cargo que antes era denominado de prefeito agora passa a ter o nome de Bibliotecário.

No ano de 1822, ocorreu um fato importantíssimo, que foi uma determinação do governo imperial, onde a Real Biblioteca deveria receber um exemplar de todas as obras, folhas periódicas e volantes impressos na Tipografia Nacional. Esse

acontecimento norteou a Lei do Depósito Legal, atualmente em vigor. Ainda em 1822, a Biblioteca muda seu nome para Biblioteca Imperial e Pública.

Em 1825, a Biblioteca é vendida ao Brasil, por Portugal, pela quantia de 800 contos de réis. No período de 1837 a 1839 o Cônego Francisco Vieira começa a exercer o cargo de Bibliotecário. Este é substituído em 1839, pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa, que atua no cargo até 1846. Somente neste ano, temos o primeiro Bibliotecário não religioso, o doutor em medicina, José de Assis Alves Branco Muniz Barreto, que mantém a posição até 1853, quando Frei Camilo de Monserrat assume, até 1882.

Em 1855 a Biblioteca recebe do Governo Imperial um lugar para ser sua sede, localizado na Rua da Lapa, hoje Rua do Passeio, que abriga a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Apesar de possuírem uma nova residência, a Biblioteca só pode efetuar sua mudança no ano de 1858, devido a obras e reformas necessárias.

Em 1870, após a morte de Frei Camillo, Benjamin Franklin Ramiz Galvão é nomeado como Bibliotecário da instituição, onde atuou até 1882. Em sua gestão ocorre o primeiro concurso público para o cargo de Bibliotecário, no ano de 1879. De acordo com Castro (2000), estes concursos requeriam alto nível de conhecimento, onde somente os cultos estariam aptos a exercer este cargo. Dentre os conhecimentos requeridos, encontram-se “História Universal, Geografia, Filosofia, Bibliografia, Iconografia, Literatura, Catalogação de Manuscritos e traduções do Latim, Francês e Inglês”. (CASTRO, 2000, p. 48).

3.1 BIBLIOTECA NACIONAL E MACKENZIE: OS PRIMEIROS CURSOS

Segundo Weitzel (2014), a primeira fase inicia-se em 1^a de julho de 1879, quando a BN promove seu primeiro concurso. Apesar disso, a formação do profissional bibliotecário iniciou somente em 1911, motivada a qualificar os funcionários da instituição e criar um método de seleção para contratação de novos funcionários, com a aprovação do novo regulamento da Biblioteca Nacional, proveniente do capítulo IV, do decreto n. 8.835, de 11 de julho de 1911. Neste capítulo constam, no Art. 34, as primeiras disciplinas ofertadas, que são:

Bibliographia, Paleographia e Diplomática, Iconographia e por último, *Numismatica*. (BRASIL, 1911).

Neste período também ocorreu a mudança de sua sede e reforma em sua estrutura administrativa. Infelizmente, de acordo com Dias² (1991 apud WEITZEL, 2014, p. 127), devido à desistência dos candidatos inscritos, o curso ficou inativo até 1915. Castro (2000) levanta a suposição que o motivo para estas desistências deve-se ao fato de que a maioria dos inscritos eram funcionários da casa e, “[...] com as mudanças realizadas pelo novo regulamento, o processo de adaptação dos empregados reduziu a disponibilidade de tempo para eles participarem de uma outra atividade, no caso o recém-criado curso.” (CASTRO, 2000, p. 53). Somente em 1915, iniciou-se de fato o curso, que contou com “27 inscritos, dos quais 12 eram funcionários da casa”. (WEITZEL, 2014, p. 128). Uma curiosidade é que o processo seletivo utilizado para selecionar os candidatos, que consta no Art. 36 do decreto n. 8.835/11 possui praticamente os mesmos critérios exigidos no concurso para bibliotecário, ocorrido em 1879.

O curso da BN funcionou regularmente até 1922, quando novamente foi interrompido, desta vez devido ao regulamento do Museu Histórico Nacional, estabelecido em 2 de agosto de 1921, cria-se o *Curso Technico*, com duração de 2 anos, que tem por finalidade “[...] formar profissionais para atuarem nesta instituição, a Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional.” (CASTRO, 2000, p. 57). Entre as mudanças ocorridas, estão o aumento de duração para dois anos, e a alteração das disciplinas, que agora passam a ser oito, divididas em quatro por ano. Em seu primeiro ano eram ministradas as disciplinas de História Literária, Paleografia e Epigrafia, História Política e Administrativa do Brasil, e Arqueologia e História da Arte. Já em seu segundo ano seriam ministradas Bibliografia, Cronologia e Diplomática, Numismática e Sigilografia e, por último, Iconografia e Cartografia. Castro afirma que estas disciplinas “eram distribuídas entre as três instituições”. (CASTRO, 2000, p. 58).

Infelizmente, dois professores do curso não poderiam ministrar duas das disciplinas ofertadas no curso, por “motivos justificados”, forçando o curso a ser interrompido até 1931. Castro (2000) acredita que tais motivos seriam o fato de dois

² WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções no curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915-1949). *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 130, p. 111-120, 2010.

professores recusarem-se a ministrar suas disciplinas, afirmando que suas responsabilidades aumentariam, sem receber nenhuma bonificação salarial, além de acreditar que ambos não concordavam com a criação deste *Curso Technico*.

Paralelamente, em 1929, surge em São Paulo, no então *Mackenzie College*, o segundo curso de Biblioteconomia do país. Este, porém será influenciado pela escola norte-americana, da Universidade de Colúmbia iniciando assim, a segunda fase da Biblioteconomia no Brasil.

Castro (2000) aponta que a bibliotecária da instituição, Adelpha Rodrigues de Figueiredo conseguiu uma bolsa de estudos oferecida pela *American Association of University Women* na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, para que pudesse aprimorar seus conhecimentos. Então, para não ficarem sem um profissional bibliotecário, Dorothy Muriel Gedds Gropp foi contratada pelo *Mackenzie College* para:

[...] reorganizar todo o acervo e introduzir processos novos nos catálogos e na localização dos livros nas estantes e, ministrar um Curso Elementar de Biblioteconomia para funcionários da biblioteca e professores e bibliotecários de outras instituições do Estado. (CASTRO, 2000, p. 65).

Ao voltar para o Brasil, Adelpha daria continuidade a este Curso, até 1936, quando o curso promovido no *Mackenzie College* se encerra, após o Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo criar um curso nos mesmo moldes. A prefeitura retira seu apoio ao Curso, em 1939, mas felizmente, em 1940 ocorre a criação do Curso da Escola Livre e Sociologia Política (ELSP), onde, segundo Mueller (1985, p. 4) o curso ressurgiu, “firmou-se, expandiu sua duração e conteúdo, sempre de acordo com a orientação americana”.

Segundo Castro (2000) a década de 1940 foi importante para a Biblioteconomia brasileira. Neste período ocorrem modificações significativas na área. Em 1944, a BN sofre uma nova reforma, modificando sua estrutura curricular, adotando também o modelo norte-americano. Outra mudança fundamental foi a disponibilização de bolsas para candidatos fora do Rio de Janeiro e São Paulo, descentralizando enfim, o acesso ao ensino para alunos de outros estados que, até o fim da década, irão formar novas escolas, espalhadas pelo país.

Em 1962, inicia-se a terceira fase da Biblioteconomia brasileira, com a implementação do currículo mínimo do Curso de Biblioteconomia. O parecer n. 326, publicado pelo Conselho Federal de Educação, tem por função fixar o currículo mínimo e determinar a duração do Curso, que passa a ter duração de três anos. Em seu Art. 1º fica definido que o currículo mínimo compreenderá as seguintes disciplinas:

QUADRO 1 – Currículo Mínimo do Curso de Biblioteconomia (1962)

Currículo Mínimo 1962
1. História do Livro e das Bibliotecas
2. História da Literatura
3. História da Arte
4. Introdução aos Estudos Históricos e Sociais
5. Evolução do Pensamento Filosófico e Científico
6. Organização e Administração de Bibliotecas
7. Catalogação e Classificação
8. Bibliografia e Referência
9. Documentação
10. Paleografia

Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

3.2 RECONHECIMENTO LEGAL DA PROFISSÃO E DO ENSINO

A atuação institucionalizada do profissional bibliotecário no Brasil surgiu em 1879, através do primeiro concurso promovido pela BN. Como vimos antes, este concurso requeria que o futuro profissional fosse uma pessoa culta e que ser bibliotecário neste período era uma profissão que visava apenas a guarda e manutenção das coleções e acervo.

Apresentaremos aqui a legislação que possibilitou o reconhecimento não só da profissão, mas do ensino que visa formar um profissional bibliotecário competente. Apresentamos também como se deu a formação dos Conselhos

Federal e Regionais de Biblioteconomia e quais as suas funções para com a categoria profissional.

A década de 1960, foi importantíssima para a Biblioteconomia em relação a estruturação e organização da área. Porém podemos considerar que a primeira norma regulamentadora da profissão no serviço público federal ocorreu em 1958, com a inclusão da atividade profissional no Plano da Confederação Nacional das Profissões Liberais, no 19º grupo, através da Portaria n. 162 do Ministério do Trabalho e Previdência Social. Ainda assim, o divisor de águas ocorre em 1962, quando, de acordo com Bonotto e Santos (2000) a Lei n. 4.084, promulgada em 30 de junho de 1962, reconhece através do artigo 1º a designação profissional do bibliotecário exclusiva para bacharéis em Biblioteconomia. A partir de então, somente portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas poderiam atuar como bibliotecários. Aos bacharéis em Biblioteconomia fica atribuído, segundo o artigo 6, da Lei n. 4084:

[...] a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autarquias e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes: o ensino de Biblioteconomia; a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em vias de equiparação; administração e direção de bibliotecas; a organização e direção dos serviços de documentação; a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência. (BRASIL, 1962).

Ainda em 1962, temos outro momento importante. No dia 16 de novembro de 1962, a Resolução n. 3.261, do Conselho Federal de Educação, estabelece o currículo mínimo para o ensino da Biblioteconomia, tornando fixa a duração de 3 anos e 12 disciplinas obrigatórias. Nota-se grande influência da escola americana, que foca em uma formação técnica do bibliotecário.

A partir de 1965, através do Decreto-Lei n. 56.725, de 16 de agosto de 1965, a profissão foi regulamentada e entre outras determinações, permitiu a instalação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB).

O ser humano historicamente sempre buscou conviver em sociedade para aumentar sua chance de sobrevivência, sendo esta sociedade, composta por vários grupos com diferentes interesses, sejam eles sociais, políticos ou profissionais. No âmbito profissional, os indivíduos que trabalham numa mesma área organizam-se para buscar segurança e benefício mútuo, na forma do associativismo. Os bibliotecários no Brasil, por exemplo, se valeram das associações de classe e conselhos responsáveis pela normatização do exercício profissional para assegurar a profissão.

Para falarmos do Conselho Federal de Biblioteconomia, devemos antes ver o que a Constituição de 1988 define sobre o tema Exercício Profissional. No início do artigo 5º está instituído:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...] XIII - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer. (BRASIL, 1988).

Segundo o inciso XXIV do Art. 21, onde compete à União organizar, manter e executar a inspeção do trabalho e, o Art. 22, inciso XVI, afirma que compete privativamente à União legislar sobre organização do sistema nacional de emprego e condições para o exercício de profissões.

O Estado, para não ficar sobrecarregado, delega aos conselhos de classe a função pública de fiscalizar, defender e disciplinar o exercício da atividade profissional, além de ser responsável por zelar pelo interesse público. Delega também a responsabilidade pela supervisão qualitativa, ética e técnica do exercício das profissões, de acordo com a Lei, no intuito de preservar qualidade aos serviços prestados à sociedade, na perspectiva do profissional para a sociedade e não do profissional para o profissional, de forma corporativa, entretanto, é o profissional que fiscaliza o profissional.

É interessante ressaltar que conselhos não são sindicatos, ou seja, não se caracterizam pelo corporativismo. No caso de o profissional cometer algum erro, no exercício de sua profissão, seu conselho irá abrir um processo ético disciplinar,

aplicará penalidade, havendo necessidade e, se for o caso, o denunciará para o Ministério Público.

A criação do CFB e dos CRBs remetem a 1966, quatro anos após a Lei n. 4084, implementada em 1962 e responsável pela regulamentação do exercício da profissão de bibliotecário no Brasil. O Ministério do Trabalho e Previdência Social, através da Portaria n. 585, de 22 de outubro de 1965, compôs um grupo de trabalho para organizar a eleição da primeira Diretoria do CFB, que ocorreu em dezembro deste mesmo ano. Esta Lei só foi regulamentada após o Decreto n. 56.725, de 30 de junho 1965, que entre outras exigências, possibilitou a instalação do CFB e dos CRBs, nos anos seguintes. A primeira gestão do CFB tomou posse da Diretoria em 16 de março de 1966.

Como um de seus primeiros atos, o CFB, através da Resolução n. 4, de 12 de junho de 1966, criou dez conselhos regionais e determinou sua jurisdição. Através desta norma, o CRB da 10ª Região compreende o estado do Rio Grande do Sul. Sua instalação ocorreu em 16 de setembro de 1966, contando como primeiros membros seis docentes eleitos, representando a Escola de Biblioteconomia da UFRGS e, seis profissionais eleitos pela Associação Rio-grandense de Bibliotecários (ARB).

O CRB-10 mesmo com dificuldades financeiras sempre se fez presente na fiscalização da profissão no Estado, além de promover debates polêmicos, como por exemplo, em 1977, quando levantou a questão da inclusão dos técnicos em Biblioteconomia entre os registrados dos CRBs. Nota-se que já se via necessidade de revisar a Lei n. 4.084/62 para contemplar estes profissionais, assim como arquivistas e técnicos em arquivo, que não possuem um conselho próprio. Apesar de necessária, atualmente uma reformulação nesta Lei é vista com ressalvas, levando em consideração que atualmente exista uma tendência forte no Congresso Nacional a favor da desregulamentação das profissões (SANTOS, 2014).

A Lei, n. 4084 estabelece as funções dos Conselhos de Biblioteconomia (Federal e Regionais) onde, segundo o Art. 8º, fica sob responsabilidade dos conselhos, a fiscalização do exercício da profissão. Também fica decidido onde se encontra a sede do Conselho Federal (Art. 10), no Distrito Federal, os tipos de cargos e quantidade disponíveis (Art. 11), a duração de um mandato no conselho (Art. 14) e suas atribuições (Art. 15), que são:

- a) Organizar o seu Regimento Interno;
- b) Aprovar os regimentos internos organizados pelos Conselhos Regionais, modificando o que se tornar necessário, com a finalidade de manter a unidade de ação;
- c) Tomar conhecimento de quaisquer dúvidas, suscitadas pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, promovendo as providências que se fizerem necessárias, tendentes a favorecer a homogeneidade de orientação dos serviços de Biblioteconomia;
- d) Julgar em última instância, os recursos das deliberações dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia;
- e) Publicar o relatório anual de seus trabalhos e, periodicamente, relação de todos os profissionais registrados;
- f) Expedir as resoluções que se tornem necessárias para a fiel interpretação e execução da presente Lei;
- g) Propor ao Governo Federal, modificações que se tornarem convenientes para melhorar a regulamentação do exercício da profissão de Bibliotecário;
- h) Deliberar sobre questões oriundas do exercício de atividades afins à especialidade do Bibliotecário;
- i) Convocar e realizar, periodicamente, congressos de conselheiros federais para estudar, debater e orientar assuntos referentes à profissão.

Também é mencionado, no Art. 20 as atribuições dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, que são:

- a) Registrar os profissionais de acordo com a presente Lei e expedir carteira profissional;
- b) Examinar reclamações e representações escritas acerca dos serviços de registro e das infrações desta Lei e decidir, com recurso, para o Conselho Federal de Biblioteconomia;
- c) Fiscalizar o exercício da profissão, impedindo e punindo as infrações à Lei, bem como enviando as autoridades competentes, relatórios

documentados sobre fatos que apurarem e cuja solução não seja de sua alçada;

- d) Publicar relatórios anuais dos seus trabalhos e, periodicamente, relação dos profissionais registrados;
- e) Organizar o regimento interno, submetendo-o à aprovação do Conselho Federal de Biblioteconomia;
- f) Apresentar sugestões ao Conselho Federal de Biblioteconomia;
- g) Admitir a colaboração das Associações de Bibliotecários, nos casos das matérias das Letras anteriores;
- h) Eleger um delegado-eleitor para a Assembleia, referida na letra “b” do Art. 11.

Atualmente o Brasil conta com 15 CRBs, responsáveis por registrar os profissionais da área e fiscalizar o exercício da profissão. São eles:

QUADRO 2 – Conselhos Regionais de Biblioteconomia

Conselho	Região
CRB 1	Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul
CRB 2	Pará, Amapá e Tocantins
CRB 3	Ceará e Piauí
CRB 4	Pernambuco e Alagoas
CRB 5	Bahia e Sergipe
CRB 6	Minas Gerais e Espírito Santo
CRB 7	Rio de Janeiro
CRB 8	São Paulo
CRB 9	Paraná
CRB 10	Rio Grande do Sul
CRB 11	Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima
CRB 13	Maranhão
CRB 14	Santa Catarina
CRB 15	Paraíba e Rio Grande do Norte

Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

4 HISTÓRIA DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

O Curso Livre de Biblioteconomia da (na época) Universidade de Porto Alegre marca o início do ensino de Biblioteconomia na região Sul do país. Deste Curso, veio a qualificação necessária para os bibliotecários da época poderem executar seu trabalho de forma decente e eficiente, além de formar futuros profissionais que serão os responsáveis não só por buscar a excelência em sua profissão, mas também difundir o ensino de Biblioteconomia. Como exemplo, temos o fato de que ex-alunos deste curso são os responsáveis pela criação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Sua origem data de 1974 e, segundo seu histórico, teve como intenção suprir a demanda destes profissionais na Universidade endo interior do Estado do Rio Grande do Sul.

Esta seção traz um breve histórico da UFRGS e sua importância para o Estado do Rio Grande do Sul, um histórico do Curso de Biblioteconomia e Documentação desta Universidade e, por último, uma análise do processo de busca por informações, documentos, fotografias, enfim, suportes de memória que possam auxiliar no enriquecimento da memória desta instituição.

4.1 BREVE HISTÓRICO DA UFRGS

Para expormos a trajetória desta Universidade, utilizaremos seu histórico institucional, disponível em seu *website*. A educação superior no Rio Grande do Sul se iniciou no final do século XIX, em 1895, através da criação das Escolas de Farmácia e Química e a Escola de Engenharia. Ainda neste século, surgem a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e a Faculdade de Direito, que serviram de marco como os primeiros cursos humanísticos no Estado. Estas instituições servem de base para o que viria posteriormente ser a Universidade de Porto Alegre (UPA). A Universidade foi criada pelo Decreto Estadual 5.758 de 28 de novembro de 1934 e, segundo o histórico da instituição:

[...] foi, inicialmente, constituída pela Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Escola de Engenharia, com os cursos de Veterinária e Agronomia; Instituto de Belas Artes e Faculdade de Educação, Ciências e Letras (a ser criada). (UFRGS, 2017).

Na década de 1940, se destacam alguns momentos importantes para a Universidade, como a instalação da Faculdade de Filosofia, inicialmente dispondendo dos cursos de Matemática, Física, Química e História Natural em 1942 e, no ano seguinte, com os cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Didática. Entre 1943 e 1945 a universidade passa por um importante período para a afirmação e expansão do Sistema Universitário Estadual. A partir de 1944, a Universidade adquire autonomia administrativa e didática, passando a ser responsável pela movimentação das verbas e dos saldos orçamentários, além da aplicação integral dos seus Estatutos. Cabe então, ao Reitor a responsabilidade dos atos administrativos na área do ensino superior, função antes executada pelo secretário da Educação. Em 1947 a Universidade de Porto Alegre, modifica seu nome para Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), a fim de integrar institutos localizados no interior do Estado e inicia-se a construção do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. (UFRGS, 2017).

A década de 1950 estreia com a federalização da universidade, em 1950, através da Lei n. 1.254, tornando-se então Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1954 inicia a construção do prédio da Reitoria da UFRGS e a obra é finalizada em 1957. No ano seguinte, se começa a projetar a Cidade Universitária próxima à divisa de Porto Alegre com Viamão.

Através da Lei 5.540, de 1968, se fixam as normas de organização e funcionamento do ensino superior nas universidades brasileiras. A Reforma Universitária, que ocorre em 1970, transforma a estrutura na que é utilizada até o presente momento pela UFRGS, de organização em institutos e faculdades. Surgem também novos órgãos superiores, como o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, além do conjunto de bibliotecas da universidade ser reorganizado, criando-se um sistema integrado. Em 1977 o Campus do Vale é oficialmente inaugurado.

A década de 1980 foi marcada pela criação do Museu Universitário e a Associação dos Ex-alunos da UFRGS em 1984. Já em 1989, ocorre primeira edição do Salão de Iniciação Científica da universidade. No ano de 1996, comemoram-se os 100 anos da Faculdade de Farmácia e Escola de Engenharia.

A Secretaria do Patrimônio Histórico é criada em setembro de 2000 e visa planejar e executar a recuperação, revitalização e restauração do conjunto arquitetônico dos doze prédios históricos que fazem parte do Projeto de Recuperação dos Prédios Históricos da UFRGS. Além disso, nesse ano também é instituída a Secretaria de Educação a Distância e é implementada a Biblioteca Virtual da UFRGS, que visa ampliar e atualizar as fontes de informação científica do Sistema de Bibliotecas. Comemoram-se também os 100 anos da Faculdade de Direito. Ainda nesta década, temos em 2004 a inauguração da Casa do Desenvolvimento Tecnológico (CEDETEC), cujo objetivo é oferecer espaços adequados para projetos de pesquisa cooperativa com empresas.

4.2 INÍCIO DO ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA GAÚCHA

Santos e Silveira (2000) apontam que em 1946, Angela da Costa Franco Jobim, então bibliotecária na Secretaria da Fazenda do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, faz estágio no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), no Rio de Janeiro e em seguida torna-se bolsista da Escola Livre de Sociologia e Política, em São Paulo, que oferecia o Curso Livre de Biblioteconomia. O Curso visava capacitar quem desejasse seguir a carreira de bibliotecário ou qualificar quem já trabalhasse na área. Ao retornar à Porto Alegre, convidada pelo diretor da Faculdade de Economia e Administração da então Universidade de Porto Alegre (UPA), professor Laudelino Teixeira de Medeiros, Angela, através do conhecimento adquirido em São Paulo, organiza e ministra um curso livre com duração de oito meses e, de acordo com Santos e Silveira (2000, p. 278), “[...] o Curso tinha como finalidade dar instrução técnica especializada às pessoas que desejassem seguir a carreira de Bibliotecário ou qualificar as que já exerciam a função tal como proposto pelo Curso da Biblioteca Nacional.” Surge então o sétimo Curso de Biblioteconomia no Brasil, que é responsável por diplomar a primeira turma

de bibliotecários formados no Rio Grande do Sul, composta de 20 novos profissionais.

Este curso teve um total de 31 inscritos, em seu primeiro ano de atividade, com cinco disciplinas ofertadas, que, segundo Daniel (2012) foram: Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação, Classificação, Bibliografia e Referência e, por fim, História do Livro, disciplina que teve auxílio da historiadora Florinda Tubino Sampaio. Através das disciplinas ofertadas, nota-se que Angela optou por seguir o modelo norte-americano que aprendeu no curso da ELSP. No período entre 1948 e 1949 o curso não esteve ativo, porém em 1948, segundo Camargo (2009):

[...] o Conselho Técnico da Faculdade de Economia e Administração iniciou uma parceria com o Departamento de Serviço Público (atual Secretaria de Administração) para a destinação de verba e instalação do Curso Livre de Biblioteconomia junto a este Departamento. (CAMARGO, 2009, p. 50).

Graças a esse convênio entre a Universidade e ao Departamento, Santos e Silveira (2000) afirmam que o agora Curso Extraordinário de Biblioteconomia funcionou entre 1950 a 1953 nas sedes do Departamento, inicialmente na Av. Borges de Medeiros, 992, décimo andar; e depois, na Rua Dr. Flores, 370, passando a ter dois ciclos com duração de um ano cada e sua coordenação ficou sob a responsabilidade da bibliotecária Sully Brodbeck.

Em 1954, o convênio findou-se e o Curso voltou a funcionar no espaço da Faculdade de Ciências Econômicas da URGs. Segundo Pinto (1984), neste ano, a estrutura do Curso sofreu alterações, orientando-se com base no Curso de Biblioteconomia da BN, no Rio de Janeiro. Com isso, houve mudança na forma como as disciplinas eram ofertadas, passando agora a ofertar no primeiro ciclo Catalogação, Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas, Referência e Bibliografia e Literatura; enquanto no segundo ciclo eram repetidas as disciplinas de Catalogação, Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas e acrescentada a disciplina de Literatura.

Outra observação interessante é que, a partir de 1954, para ingressar no curso se exige o ginásio completo, além de submeter-se a provas de tradução de Inglês e Francês, além de uma prova de Conhecimentos Gerais, sendo dispensadas

as pessoas que eram “[...] portadoras de licenças clássica ou científica, ou ainda de Diploma de Curso Superior.” (PINTO, 1984, p. 12). Em 1956 a Universidade institui o concurso vestibular como forma de avaliar os candidatos à vaga no Curso.

A partir de 1955, a Coordenação do Curso fica sob a responsabilidade da professora Zenaira Garcia Márquez. Em 1958, segundo Camargo (2009), o Conselho Universitário da URGs aprova a transformação do Curso de Biblioteconomia para Escola de Biblioteconomia e Documentação, de nível superior e, com sede ainda na Faculdade de Ciências Econômicas. Zenaira então passa de Coordenadora do Curso, para primeira diretora da Escola, cargo que ocupa até 1970. Neste ano também houve uma alteração curricular, onde fica determinado que na Primeira Série (antigo primeiro ciclo) serão ofertadas as disciplinas de Bibliografia e Referência, Catalogação, Classificação, História do Livro e das Bibliotecas, Introdução à Cultura Histórica e Social, Organização e Administração de Bibliotecas. Já a Segunda Série (antigo segundo ciclo) dispõe das disciplinas de Bibliografia e Referência, Catalogação, Classificação, História do Livro e das Bibliotecas, Introdução à Cultura Literária e Artística, Organização e Administração de Bibliotecas. (PINTO, 1984, p. 13).

Na década seguinte, mais precisamente em 1962, é fixado o Currículo Mínimo através do parecer n. 326, publicado pelo Conselho Federal de Educação. Isto significa que houve outra alteração no currículo do Curso, este agora passando a ofertar as seguintes disciplinas:

[...] História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do Pensamento Científico e Filosófico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação, Classificação, Referência e Bibliografia, Documentação e Paleografia. Sua duração passa a ser de três anos letivos. (PINTO, 1984, p. 13).

Sua autonomia veio somente em 1966, através da Lei 5.077, de 23 de agosto de 1966, que cria a Escola de Biblioteconomia e Documentação na UFRGS. Apesar de agora independente, a Escola encontra-se ainda anexa à Faculdade de Ciências Econômicas, ganhando uma nova sede apenas na próxima década. A partir deste momento, o Curso passa a ter três séries com um ano de duração, cada. A primeira

série é composta pelas disciplinas de Catalogação I, Classificação I, Bibliografia e Referência I, Organização e Administração de Bibliotecas I, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Psicologia das Relações Humanas, História do Livro e das Bibliotecas I. Sua segunda série é formada por Catalogação II, Classificação II, Bibliografia e Referência II, Organização e Administração de Bibliotecas II, História do Livro e das Bibliotecas II, História da Arte e Documentação I. Por último, temos a terceira série com as disciplinas de Catalogação III, Documentação II, Classificação III, Organização e Administração de Bibliotecas III, Evolução do Pensamento Científico e Filosófico, História da Literatura e Paleografia.

No início da década de 1970 o Curso foi transferido da Faculdade de Economia para a o prédio que atualmente é conhecido como Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) na Rua Jacinto Gomes, n. 540, no bairro Santana, em Porto Alegre. A FABICO torna-se sede dos Cursos de Jornalismo desde 1970 e Biblioteconomia desde 1972, posteriormente incorporando outros quatro cursos: Publicidade e Propaganda (criado em 1986), Relações Públicas (criado em 1986), Arquivologia (criado em 1999) e Museologia (criado em 2008).

4.3 ANOS INICIAIS

Se há algo que descobri ao escrever este trabalho, é que análise documental pode ser comparada a uma loteria. Você vai passar horas analisando documentos, processos administrativos, fotografias, e não necessariamente achar algo útil, ao mesmo tempo em que pode se deparar com pequenos tesouros. Nesta trajetória, o primeiro obstáculo a ser ultrapassado foi delimitar o que eu gostaria de abordar.

Partindo de um pressuposto de que sobre os últimos 45 anos do Curso haveria mais informações disponíveis, resolvi delimitar o período abordado para o ano de sua criação, em 1947 até sua transferência para a FABICO, em 1972, período onde as informações publicadas que encontrei se mostraram escassas.

Em um primeiro momento, procurei buscar trabalhos acadêmicos e artigos no âmbito virtual, onde tive como resultado o fato que, em sua maioria, quando existe um histórico sobre o Curso, este é breve e sem muitos detalhes, culminando em uma narrativa curta e sem possibilidade de prover muitos detalhes.

A próxima opção de pesquisa foi a Biblioteca da Fabico, onde descobri o livro “35 Anos de Ensino de Biblioteconomia em Porto Alegre: levantamento histórico do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul” escrito pela professora Ana Maria Bresolin Pinto, em 1984. Este livro foi senão a maior, uma das mais relevantes fontes de informação que encontrei. Em seu sumário podemos ver algumas das informações pertinentes, como lista de disciplinas e professores no período de 1947 a 1982, diplomados em Biblioteconomia no período de 1947 a 1982, documentos referentes a legislação tanto da universidade quanto do Curso em suas diferentes fases, evolução dos currículos do curso de Biblioteconomia, dentre outras informações.

Após identificar e reunir os nomes destes professores, minha ideia inicial foi descobrir quais destes ainda estariam disponíveis, e se possível tentar entrar em contato com eles para tentar efetuar uma entrevista. Esta tarefa tornou-se muito mais difícil do que eu esperava. Meu primeiro passo, em posse destes documentos, foi enviar uma lista com os nomes para o CRB-10 e pedir para verificarem se havia alguma forma de entrar em contato com estas pessoas. O Conselho foi extremamente solícito e ágil em me retornar, porém a informação da qual dispunham não me satisfez, visto que após desvincularem-se, estes professores em sua maioria não deixaram nenhuma forma de contato e, os poucos que o fizeram, apresentavam dados defasados. Procurei os nomes de alguns professores em meio virtual, porém também não obtive nenhuma informação pertinente. Pelo fato de não obter sucesso em descobrir o paradeiro dos docentes aposentados que ainda estão vivos, optei por desistir de efetuar as entrevistas, visto que elas demandariam tempo para encontrar os docentes, marcar encontros, além de fazer suas transcrições e seleção de informação. Este trabalho, portanto, dispondo do devido tempo é capaz de produzir uma rica e notável fonte de informação para podermos efetuar o processo de rememoração e conhecermos mais sobre o passado do Curso.

Tendo posse destes dados sobre as disciplinas e os docentes e não querendo simplesmente reproduzi-los, decidi interpretar estas listas em forma de quadros e tecer breves comentários sobre eles. No quadro a seguir pode-se observar uma coluna contendo o nome dos 46 docentes que ministraram diversas disciplinas no período de 1947 a 1972, outras duas colunas com o primeiro e último ano em que

ano em que apareceram pela primeira vez ministrando uma disciplina e, considerando que o trabalho foca somente até 1972, existe uma última coluna para os docentes que neste ano continuavam vinculados com a instituição.

QUADRO 3 – Docentes vinculados a instituição entre 1947 e 1972

Docente	Início do Vínculo	Fim do Vínculo	Vínculo ativo em 1972
Adda Drügg de Freitas	1962		Sim
Ana Maria Bresolin Pinto	1963		Sim
Ana Iris do Amaral	1964	1964	
Angela da Costa Franco Jobim	1947	1947	
Arabela R. Campos Oliven	1966	1969	
Berenice Comparsi Apes	1969		Sim
Carl Hermann Weiss	1952	1952	
Carlos Antonio Mancuso	1963	1964	
Dante de Laitano	1955	1955	
Delmar Schneider	1964	1965	
Edi Madalena Fracasso	1963	1963	
Elvira Barcellos Sobral	1961	1961	
Evangelina de Azevedo Veiga	1968		Sim
Florinda Tubino Sampaio	1947	1951	
Gladis Wiebeling Amaral	1954		Sim
Helena del Pino	1972		Sim
Jairo Péres Figueiredo	1965	1970	
Jahyra Correa dos Santos	1957		Sim
Jossélia Castro Coll	1955	1961	
Juliana Vianna Rosa	1968		Sim
Leda Wiebeling Loureiro	1970		Sim
Lenira Maria Müller	1954	1955	
Lídia Benício da Fonseca	1968		Sim
Lucilia Minssen	1954	1968	
Lúcio Hagemann	1970	1971	

Lygia Vianna Barbosa	1952	1957	
Maria Alice Wallau Lobato	1970		Sim
Maria Aparecida Tibiriçá	1968	1969	
Maria Cristina Rizzo Silveira	1968	1971	
Maria Luiza Martini Nunes	1969		Sim
Maria Sieczkowski Mascarello	1968	1972	
Maria Tereza Stuck Alencastro	1950	1950	
Marlene Therezinha Garcia	1972		Sim
Maximiliano Bottari	1954	1968	
Minda Groisman	1956		Sim
Míriam Mara Dantur de la Rocha Biasotti	1968	1968	
Rejane M. Machado Carrion	1967		Sim
Rosa Maria F. Martini	1966	1971	
Sara Roitman Jakobson	1967		Sim
Selma Kern	1962	1968	
Sully Brodbeck	1950	1956	
Talita Tereza Bogo	1962	1963	
Yeda Roesch da Silva	1965	1965	
Yvette Zietlow Duro	1968		Sim
Zahyra de Albuquerque Petry	1963		Sim
Zenaira Garcia Márquez	1955	1967	

Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

Destes docentes listados, 28 findaram seu papel como docente antes de 1972. Ao fazer este quadro e comparar os nomes listados com os nomes disponíveis na lista dos diplomados em Biblioteconomia no período de 1947 a 1972 (PINTO, 1984, p. 58), pude concluir que nesse período o Curso foi responsável por diplomar 23 futuros docentes. Estes dados podem ser averiguados em dois documentos disponíveis no Arquivo da Fabico, os livros de formaturas, no primeiro estão listadas todas as sessões de formatura em Biblioteconomia na Universidade desde 1947 até 1975 (a partir de 1972 passa a incluir o Curso de Jornalismo) e o segundo de 1975 a até 1995 (que passa a incluir os Cursos de Relações Públicas e Publicidade e

Propaganda). Se formos aumentar esta janela de tempo, encontramos outros diplomados que também vieram a ser docentes anos depois, como por exemplo as professoras Jussara Pereira Santos, graduada em 1963; Ida Regina Chittó Stumpf, graduada em 1966 e Iara Conceição Neves Machado, graduada em 1972.

Dos 22 professores mencionados, graduaram-se em 1947 Elvira Barcellos Sobral, Lygia Vianna Barbosa e Sully Brodbeck. Na turma de 1951, temos os professores Carl Hermann Weiss, Gladis Wiebeling Amaral, Jossélia Castro Coll e Lenira Maria Müller. No ano de 1953 as professoras Jahyra Correa Santos e Zenaira Garcia Márquez foram diplomadas. Após dois anos, em 1955, graduam-se as professoras Juliana Vianna Rosa, Minda Groisman e Zahyra de Albuquerque Petry. Já em 1956 e 1957, formam-se respectivamente, Talita Tereza Bogo e Selma Kern. Na década de 1960, temos as turmas de 1963, com as professoras Evangelina de Azevedo Veiga, Leda Wiebeling Loureiro, Miriam Mara Dantur de la Rocha e Sara Roitman Jakobson; enquanto em 1966 as professoras Berenice Comparsi Apes e Yvette Zietlow Duro graduam-se. Por fim, temos em 1967 as professoras Adda Drügg de Freitas e Maria Alice Wallau.

Os quadros seguintes, dizem respeito aos professores e as disciplinas das quais foram responsáveis em diversos intervalos de tempo, nestes 25 anos. Através destes quadros, percebemos também outras informações, como por exemplo, mudança de currículo do Curso, se sua orientação volta-se mais para um lado tecnicista ou humanista, disciplinas que tiveram um trânsito maior de docentes, entre outros aspectos que podem ser explorados.

Como dito antes, o Curso Livre de Biblioteconomia, criado em 1947 e ministrado pela professora Angela da Costa Franco Jobim foi responsável por formar os primeiros profissionais bibliotecários qualificados na região Sul do país. Podemos observar que este Curso seguiu o modelo tecnicista norte-americano, deixando o caráter humanista de lado. Angela ficou responsável por ministrar quatro das cinco disciplinas ofertadas na época, que eram: Bibliografia e Referência, Catalogação, Classificação e Organização e Administração de Bibliotecas enquanto a disciplina de História do Livro ficou sob tutela da historiadora Florinda Tubino Sampaio. Sua duração foi de oito meses e foi responsável por formar 31 alunos sendo que, destes, 3 viriam a ser professores do Curso de Biblioteconomia em algum momento de suas carreiras, mesmo que brevemente.

Após este período, por ser um Curso Livre, sem diplomação universitária, Angela não pôde permanecer ministrando o Curso e o mesmo ficou suspenso por 2 anos, voltando a funcionar somente na década de 1950, após convênio entre a Universidade e o Departamento de Serviço Público, agora porém, com mais professores responsáveis pela coordenação e docência do Curso.

QUADRO 4 – Disciplinas e Docentes do Curso Extraordinário de Biblioteconomia em 1950 a 1953

Docente	1	2	3	4	5
Maria Tereza Stuck Alencastro	X				
Sully Brodbeck		X	X	X	X
Florinda Tubino Sampaio					X
Lygia Vianna Barbosa	X				
Carl Hermann Weiss		X			

Fonte: elaborado pelo autor, 2017. Legenda: 1 – Catalogação, 2 – Classificação, 3 – Organização e Administração de Bibliotecas, 4 – Bibliografia e Referência, 5 – História do Livro.

Neste momento o Curso além de trocar de nome, passa a ter duas séries com um ano de duração cada. A sede do Curso não mais é na Faculdade de Economia, mas sim, nas sedes do Departamento de Serviço Público até o final de 1954, quando a parceria entre as duas instituições se finda, obrigando o Curso a voltar para sua antiga sede. Podemos observar que as disciplinas ofertadas ainda são as mesmas, porém agora Bibliografia e Referência e História do Livro são ofertadas no primeiro ano, deixando para o segundo ano Catalogação, Classificação e Organização e Administração de Bibliotecas. Uma curiosidade que podemos notar é que, neste período, Sully Brodbeck não só foi Coordenadora do Curso, como também ministrou todas as disciplinas ofertadas, com exceção de Catalogação. Deste período surgem cinco futuros professores do Curso.

QUADRO 5 – Disciplinas e Docentes do Curso de Biblioteconomia, de 1954 a 1959:

Docente	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Dante de Laitano						X			
Gladis Wiebeling Amaral	X								
Jahyra Correa dos Santos						X			
Jossélia Castro Coll		X							
Lenira Maria Müller		X							
Lucilia Minssen					X			X	
Lygia Vianna Barbosa		X							
Maximiliano Bottari			X						X
Minda Groisman				X			X		
Sully Brodbeck				X					
Zenaira Garcia Márquez	X								

Fonte: elaborado pelo autor, 2017. **Legenda:** 1 – Catalogação, 2 – Classificação, 3 – Literatura, 4 – Organização e Administração de Bibliotecas, 5 – Referência e Bibliografia, 6 – História do Livro, 7 – Bibliotecas Especializadas e Universitárias, 8 – Bibliotecas Infantis e Escolares, 9 – Literatura: Introdução à Cultura Histórico e Social.

Neste período ocorre uma mudança fundamental para o Curso, em 1958, quando passa a ser de nível superior e a partir de agora conhecido como Escola de Biblioteconomia e Documentação, sob a direção de sua antiga coordenadora (desde 1955) Zenaira Garcia Márquez. Houve mudança também na forma como as disciplinas foram ofertadas, além de haver o acréscimo de novas disciplinas como é o caso de Literatura, de caráter obrigatório, mas que em 1959 desaparece da grade, dando lugar à Literatura: Introdução à Cultura Histórico Social; e as duas disciplinas eletivas ofertadas apenas em 1958, Bibliotecas Especializadas e Universitária e Bibliotecas Infantis e Escolares. Outro fator importante a se levar em consideração é o fato de que disciplinas como Catalogação, Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas e Referência e Bibliografia passam a ser ministradas nas duas séries, possibilitando um maior aprofundamento de seus conteúdos. Neste período graduam-se seis futuras professoras deste Curso.

QUADRO 6 – Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Primeira Série, de 1960 a 1964

Docente	1	2	3	4	5	6	7	8
Ana Iris do Amaral								X
Ana Maria Bresolin Pinto							X	
Edi Madalena Fracasso							X	
Elvira Barcellos Sobral						X		
Jahyra Correa Santos				X				
Jossélia Castro Coll			X					
Lucilia Minssen	X							
Maximiliano Bottari					X			
Minda Groissman						X		
Selma Kern			X					
Talita Tereza Bogo			X					
Zenaira Garcia Márquez		X						

Fonte: elaborado pelo autor, 2017. Legenda: 1 – Bibliografia e Referência, 2 – Catalogação, 3 – Classificação, 4 – História do Livro e das Bibliotecas, 5 – Introdução à Cultura Histórica e Social, 6 – Organização e Administração de Bibliotecas, 7 – Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, 8 – Psicologia das Relações Humanas.

QUADRO 7 – Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Segunda Série, de 1960 a 1964

Docente	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Adda Drügg de Freitas									X
Carlos Antonio Mancuso							X		
Elvira Barcellos Sobral						X			
Jahyra Correa Santos				X					
Jossélia Castro Coll			X						
Lucilia Minssen	X								
Maximiliano Bottari					X			X	
Minda Groisman						X			
Selma Kern			X						

Talita Tereza Bogo			X						
Zenaira Garrcia Márquez		X							

Fonte: elaborado pelo autor, 2017. Legenda: 1 – Bibliografia e Referência, 2 – Catalogação, 3 – Classificação, 4 – História do Livro e das Bibliotecas, 5 – Introdução à Cultura Literária e Artística, 6 – Organização e Administração de Bibliotecas, 7 – História da Arte, 8 – História da Literatura, 9 – Documentação.

QUADRO 8 – Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Terceira Série, de 1960 a 1964

Docente	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Adda Drügg de Freitas				X					
Delmar Schneider						X			
Elvira Barcellos Sobral					X				
Jossélia Castro Coll		X							
Lucilia Minssen			X						
Maximiliano Bottari				X		X			X
Minda Groisman					X			X	
Selma Kern		X							
Zahyra de Albuquerque Petry							X		
Zenaira Garcia Márquez	X								

Fonte: elaborado pelo autor, 2017. Legenda: 1 – Catalogação, 2 – Classificação, 3 – Documentação, 4 – Introdução à Cultura Filosófica e Científica, 5 – Seleção de Livros – Organização de Bibliotecas, 6 – Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, 7 – Paleografia, 8 – Organização e Administração de Bibliotecas, 9 – História da Literatura.

No período de 1960 a 1964, ocorre uma reforma no currículo mínimo em nível nacional, onde ele passa a ser separado por três séries, de um ano de duração, cada, com um total de 18 docentes responsáveis pela manutenção da Escola neste período. Em 1960, a Escola de Biblioteconomia e Documentação passou a ministrar duas séries por ano. Esta mudança encontra-se visível em 1961, e, a partir de 1962, após a mudança no currículo mínimo dos cursos de Biblioteconomia passam a ser ministradas três séries por ano.

Nestes três quadros podemos ver que as disciplinas de Catalogação, Classificação e Organização e Administração de Bibliotecas passam a ser ministradas ao longo das três séries. Já História do Livro e das Bibliotecas passa a

ser ofertada nas duas primeiras séries. Nota-se também o aumento de disciplinas, como Introdução à Cultura Literária e Artística, Introdução à Cultura Filosófica e Científica, Seleção de Livros, História da Arte, História da Literatura, Paleografia, Psicologia das Relações Humanas e Documentação. Temos neste período, quatro professoras, todas diplomadas em 1963.

QUADRO 9 – Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Primeira Série, de 1965 a 1971

Docente	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Ana Maria Bresolin Pinto					X				X
Arabela R. Campos Oliven							X		
Evangelina de Azevedo Veiga			X						
Gladis Wiebeling do Amaral		X							
Jahyra Correa Santos				X					
Juliana Vianna Rosa						X		X	
Leda Wiebeling Loureiro			X						
Lucilia Minssen	X								
Lúcio Hagemann							X		
Maria Alice Wallau		X							
Maria Cristina Rizzo Silveira							X		X
Maria Luiza Martini				X					
Minda Groisman						X		X	
Míriam Mara Dantur de la Rocha Biasotti	X								
Sara Roitman Jakobson	X	X							
Selma Kern			X						
Yvette Zietlow Duro	X								
Yeda Roesch da Sil	X						X		
Zenaira Garcia Márquez		X							

Fonte: elaborado pelo autor, 2017. Legenda: 1 – Bibliografia e Referência I, 2 – Catalogação I, 3 – Classificação I, 4 – História do Livro e das Bibliotecas I, 5 – Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, 6 – Organização e Administração de Bibliotecas I, 7 – Psicologia das Relações Humanas, 8 – Moral e Cívica: Problemas Brasileiros, 9 – Educação Moral e Cívica.

QUADRO 10 – Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Segunda Série, de 1965 a 1971

Docente	1	2	3	4	5	6
Ana Maria Bresolin Pinto					X	
Evangalina de Azevedo Veiga			X			
Gladis Wiebeling do Amaral		X				
Jahyra Correa Santos				X		
Juliana Vianna Rosa						X
Leda Wiebeling Loureiro			X			
Lucilia Minssen	X					
Maria Alice Wallau		X				
Maria Luiza Martini				X		
Minda Groisman						X
Míriam Mara Dantur de la Rocha Biasotti	X					
Sara Roitman Jakobson	X	X				
Selma Kern			X			
Yvette Zietlow Duro	X					
Yeda Roesch da Sil	X					
Zenaira Garcia Márquez		X				

Fonte: elaborado pelo autor, 2017. Legenda: 1 – Bibliografia e Referência II, 2 – Catalogação II, 3 – Classificação II, 4 – Documentação I, 5 – História da Arte, 6 – História do Livro e das Bibliotecas II, 7 – Organização e Administração de Bibliotecas II.

QUADRO 11 – Disciplinas e Docentes da Escola de Biblioteconomia e Documentação: Terceira Série, de 1965 a 1971

Docente	1	2	3	4	5	6	7
Adda Drügg de Freitas			X				
Berenice C. Apes			X				
Delmar Schneider				X			
Evangalina de Azevedo Veiga		X					
Juliana Vianna Rosa						X	
Lidia Benício da Fonseca							X

Maria Aparecida Tibiriçá			X				
Maria Sieczkowski Mascarello				X			
Maximiliano Bottari					X		
Minda Groisman						X	
Rejane M. Machado Carrion				X			
Rosa Maria F. Martini				X			
Sara Roitman Jakobson	X						
Selma Kern		X					
Yvette Zietlow Duro					X		
Zahyra de Albuquerque Petry					X		X
Zenaira Garcia Márquez	X						

Fonte: elaborado pelo autor, 2017. Legenda: 1 – Catalogação III, 2 – Classificação III, 3 – Documentação II, 4 – Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, 5 – História da Literatura, 6 – Organização e Administração de Bibliotecas III, 7 – Paleografia.

Como pode-se perceber, ocorreu uma nova mudança no currículo mínimo onde Catalogação, Classificação e Organização e Administração de Bibliotecas são ofertadas nos três anos, já Bibliografia e Referência, Documentação, História do Livro e das Bibliotecas são expandidas e passam a ter duas disciplinas para tratar de seus conteúdos. Neste período, houve um total de 28 professores vinculados ao Curso. A Lei n. 5.077, de 23 de agosto de 1966 oficializa a criação da Escola de Biblioteconomia e Documentação, porém até 1971 a Escola ainda não possui sede. Tudo muda, quando em 1972, ela é transferida para a Fabico, onde permanece até hoje. Ainda em 1972, de acordo com Pinto (1984):

[...] o currículo de Biblioteconomia sofreu alterações a semelhança de todos os currículos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [...] Neste ano iniciou a semestralização e o Curso de Biblioteconomia adotou o duplo ingresso, isto é, vagas distribuídas por vestibular para ingresso no 1º e 2º períodos letivos. (PINTO, 1984, p. 33).

A partir de então, o curso passou a dispor de 34 disciplinas, sendo que destas, cinco eram de introdutórias sobre conhecimentos gerais, uma de introdução à arte, uma disciplina introdutória de administração, uma disciplina de letras:

Evolução da Literatura Universal II; três, de caráter humanístico, que são: Evolução do Pensamento Filosófico, Introdução aos Estudos Históricos e, por último, Evolução do Pensamento Científico. Por fim, restam 24 disciplinas de Biblioteconomia que são Classificação I, II, III, IV e V; Catalogação I, II, III, IV e V; Evolução do Livro e das Bibliotecas I e II, Documentação I, II e III; Organização e Administração de Bibliotecas I, II, III e IV; Bibliografia Especializada, Paleografia, Referência, Organização de Bibliotecas Escolares, Organização de Coleções Especiais, Reprodução de Documentos e por último, a disciplina de Cibernética. Podemos notar que cadeiras de cunho técnico ganharam mais créditos, permitindo então efetuar um aprendizado aprofundado.

Outro documento encontrado no levantamento histórico feito pela professora Ana Maria Bresolin Pinto trata da justificativa para criação do primeiro Curso de Biblioteconomia com conteúdos programáticos e salário, escrito pelo então diretor da Faculdade de Economia e Administração, professor Laudelino Teixeira de Medeiros, em 1947. Nesta justificativa, o diretor versa sobre “[...] a necessidade de bibliotecas organizadas dentro de técnica científica moderna.” (PINTO, 1984, p. 69). Também, menciona o fato de a academia receber anualmente um grande fluxo de bibliografia, fazendo com que seja necessário um profissional capaz de organizar esta informação torrencial, o bibliotecário.

Laudelino propõe então a criação de um Curso de Biblioteconomia, com duração de oito meses, cuja função seria “[...] formar equipes de bibliotecários inteirados dos conhecimentos e da técnica indispensáveis a uma biblioteca moderna.” (PINTO, 1984, p. 69). Menciona também o fato de que o Curso beneficiaria principalmente o Estado, ao proporcionar profissionais capacitados para as bibliotecas públicas ou as de repartições oficiais, dando ênfase no interesse que as repartições públicas de Porto Alegre demonstraram.

O professor ainda disponibiliza o espaço da Faculdade de Economia e Administração para realização do Curso e, que já contam com a colaboração de uma profissional especializada, Angela da Costa Franco, que na época era bibliotecária da Secretaria de Agricultura e possuía estágio pelo DASP, no Rio de Janeiro e fez o Curso de Biblioteconomia na ELSP. Esta justificativa trata ainda do planejamento do Curso, como por exemplo, sua duração, para quem ele é direcionado, como serão dispostas as matrículas, os exames para avaliar os alunos

e por último o diploma dado aos alunos que o concluírem. Traz ainda uma descrição das disciplinas ofertadas e seus horários.

Este levantamento histórico contém outros documentos que irei apenas mencionar, como por exemplo, a “Ata com fins, condições, matrículas, duração, exames, diplomas, programa e horários do primeiro Curso de Biblioteconomia”, o “Encaminhamento do processo ao governador do Estado solicitando assistência ao Curso de Biblioteconomia” e os Pareceres do Centro de pesquisas e orientação educacionais, da Biblioteca Pública do Estado e da Secretaria de Educação e Cultura (PINTO, 1984, p. 74-78).

Na sequência, entrei em contato com o Arquivo da Fabico, para ver se possuíam algum material que pudesse me auxiliar. Em um primeiro momento pesquisei nos processos administrativos disponíveis da Faculdade de Ciências Econômicas, onde encontrei dois documentos que mencionavam o Curso de Biblioteconomia. O primeiro, de 9 de setembro de 1963 pode ser visualizado no Anexo C, trata de uma requisição do MEC, solicitando diversos dados, como números de vagas ofertadas no curso, número de candidatos e candidatos aprovados, número de professores masculinos e femininos, número de alunos masculinos e femininos matriculados no início do ano letivo e, número de alunos masculinos e femininos que concluíram o curso em 1962. Já o segundo documento datando de 21 de outubro de 1963 é um relatório de reivindicações do Curso de Biblioteconomia e Documentação, como podemos ler no Anexo D. Nele, se relata a necessidade de contratação de novos professores, pagamento de salário de alguns professores do corpo docente, um aumento para a função de coordenação e contratação de três assistentes para auxiliar em disciplinas. Também reivindicam providências do MEC para que este envie à Câmara o projeto de Lei sobre a criação da Escola de Biblioteconomia e Documentação. Em seguida oferece alguns dados estatísticos como número de alunos matriculados em suas três séries, informa que as matérias indicadas no currículo mínimo de 1962 são lecionadas, e menciona a necessidade de contratação de secretário, datilógrafo e servente. Por fim, consta uma relação do corpo docente e disciplinas pelas quais são responsáveis.

O arquivo ainda dispunha de outros documentos, porém necessitei esperar para consultá-los devido ao fato de estarem acondicionados em outro local. No entanto, esta espera rendeu bons frutos, pois nesta nova consulta encontrei diários

de classe, provas de admissão do Curso, provas escritas, provas orais, convites de formatura, diplomas da primeira turma graduada em 1947 e documentos de legislação. Existem ainda outros documentos que não puderam ser pesquisados, por não estarem disponíveis para consulta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega então o fim desta jornada, cheia de caminhos sem saída, perguntas e algumas respostas. Ao longo desta trajetória pude esclarecer dúvidas pessoais, criar várias outras, descobrir curiosidades, pensar futuros projetos e, de certa forma, me sentir mais próximo deste Curso que, intencionalmente ou não, vivenciei nos últimos sete anos.

Entende-se inicialmente que a profissão de bibliotecário era destinada às pessoas cultas, mas que apenas ser culto não se mostrou suficiente. Houve a necessidade de produzir bibliotecários qualificados para suprir uma necessidade no mercado de trabalho em nível estadual, visto que os profissionais capacitados no início do século XX surgiram nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo e por lá ficavam, até o momento em que se passou a ofertar bolsas de ensino, na década de 1940, possibilitando uma modificação neste cenário. Tendo como base estes cursos do Sudeste, se procurou montar um curso capaz de capacitar os bibliotecários já existentes no Rio Grande do Sul e formar futuros profissionais da área. Entendemos que apesar de sucesso em seu primeiro ano, o mesmo ficou inativo nos dois anos seguintes, e após, precisou vincular-se ao Departamento de Serviço Público para, inicialmente, garantir sua sobrevivência. Ao longo destes 25 anos iniciais, o Curso evoluiu, mudando seu nome algumas vezes e modificando sua grade curricular, seguindo sempre em uma direção mais técnica e menos humanística.

Viu-se que este Curso, no período estudado, foi em sua maioria composto de discentes e docentes do sexo feminino e que, destes docentes, um número expressivo foi formado nesta mesma instituição. Encontramos os agentes que são responsáveis pela manutenção e sobrevivência deste curso, porém este trabalho não conseguiu atingir uma de suas propostas iniciais que era efetuar entrevistas com algumas destas docentes que lecionaram ou discentes que tenham se graduado neste intervalo de tempo. Ouso dizer que esta proposta, se possível no futuro, deveria ser transformada em um projeto de extensão ou objeto de estudo de um curso de pós-graduação, pois além de também trazer riqueza de detalhes, compartilharia lembranças dos indivíduos que compuseram a memória da época, promovendo não só memórias coletivas, mas mostrando como estes indivíduos

percebiam o Curso e seu espaço físico, seus professores, sua relação com colegas tanto do curso quanto da universidade através de suas memórias individuais.

Penso que uma crítica se torna necessária, pois somos um Curso de Biblioteconomia (que, por sinal, já teve Documentação em seu nome), compartilhamos nosso espaço com os Cursos de Arquivologia, Museologia e Jornalismo, estes podendo de forma interdisciplinar, auxiliar de diversas maneiras um trabalho de recuperação e preservação de nossa memória. Nesses anos não houve preocupação de se tentar preservar nossa memória? Na teoria somos considerados guardiões da informação, mas será que o realmente somos, quando não nos atentamos em organizar e recuperar a informação responsável por assegurar nosso próprio passado? Nós vivemos o presente, mas não podemos ignorar o passado, responsável por sustentar quem atualmente somos e auxiliar quem futuramente podemos ser. A memória coletiva se sustenta em um esforço seja da instituição seja dos agentes em manter presente a própria memória coletiva.

No dia 5 de dezembro de 2017 houve uma solenidade homenageando as docentes aposentadas e celebrando o aniversário de 70 anos da instituição. Fiquei surpreso com a presença de alguns dos docentes aposentados que compareceram ao evento e supondo que a faculdade possua uma forma de entrar em contato com estes professores, faço um questionamento e reitero a proposta de criar um projeto de extensão ou um estudo mais aprofundado. Supondo que a faculdade possua meios de entrar em contato com estes professores e possua informações sobre os mesmos, por que não produzir uma série de entrevistas ou talvez um histórico (mesmo que breve) sobre eles? Os docentes de certa forma, assim como os discentes são os rostos de nosso Curso. Um exemplo disso é a faculdade de farmácia da UFRGS, que dispõe por todo prédio com fotografias de seus formandos. Não digo que devemos espalhar fotografias pela Fabico, mas seria interessante se pensar um documento, físico, eletrônico ou em ambas as formas, onde se possa consultar estas informações. O fato de compartilharmos nosso espaço físico com os Cursos de Comunicação, que possuem equipamento, núcleo fotográfico e de TV facilitaria o processo de efetuar estas entrevistas, podendo criar um projeto conjunto entre as duas áreas, Ciências da Informação e Comunicação.

Outro ponto que gostaria de abordar é que, nesta pesquisa, o documento com maior número de informações pertinentes que foi encontrado foi o levantamento

histórico publicado pela professora Ana Maria Bresolin Pinto, em 1984, ano em que se comemoravam o 35º aniversário do Curso de Biblioteconomia. Desde então, passaram-se outros 35 anos e não houve preocupação em aprofundar essa questão? Não se pensou em talvez produzir um novo levantamento histórico tratando os últimos 35 anos? O fato deste levantamento não conter referências acabou por dificultar um pouco a pesquisa, pois existem informações ali, que não pude verificar o documento original e neles talvez, encontrar dados não trabalhados pela autora.

Acredito que este trabalho cumpriu sua proposta de responder as questões por ele levantadas. Identificamos o porquê de se criar o Curso no Estado, passamos a saber um pouco mais sobre os professores e professoras que tornaram este Curso de Biblioteconomia o que ele hoje é, e encontramos documentos que puderam nos ajudar a compreender como se deu a implementação deste Curso.

Achei interessante o fato do Curso, desde seu início, ser em sua maioria composto por mulheres, o que, por sinal, se mostra atual, salva raras exceções, como o semestre em que iniciei minha graduação, que possuía um número semelhante de discentes do sexo masculino e feminino. Imagino as dificuldades que estas mulheres tiveram de transpor, levando em consideração que, neste passado não tão distante ser mulher e trabalhar não era visto com bons olhos pela sociedade. Mulheres compuseram a primeira gestão do nosso Conselho Regional de Biblioteconomia no Estado, mulheres foram as primeiras coordenadoras e diretoras deste Curso e mulheres foram as principais profissionais responsáveis na luta pelo reconhecimento legal desta profissão. Através destas tenazes mulheres me vi inspirado em buscar ser o melhor profissional que me for possível e posso dizer que me orgulho de participar de uma área profissional com esse histórico.

Outro ponto que acabei refletindo ao longo desta jornada, gira em torno do fato de que possuímos um número expressivo de docentes que surgiram desta mesma instituição e, penso que isso se deve ao fato de estarmos localizados no extremo sul do país. O Curso esteve, de certa forma isolado sendo, provavelmente, forçado a promover esta retroalimentação para garantir sua sobrevivência. Não que este fato seja algo ruim, mas através das vivências nos congressos estudantis que participei, percebi que ao entrarmos em contato com outras realidades de uma mesma área (neste caso, os outros cursos existentes no país), o diálogo que

floresce pode ser extremamente enriquecedor não só para o coletivo (instituição), como também para o indivíduo (docente), através deste intercâmbio de experiências, conversas sobre a realidade da área em outras regiões, além de proporcionar ao futuro profissional bibliotecário a chance de criar uma rede de contatos que abrange o país inteiro e não só sua bolha institucional.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Andréia Arruda. O lugar da memória institucional nas organizações complexas. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS - ABRAPCORP, 4., 2010, Porto Alegre, RS. **Anais...** (on-line). São Paulo: Abrapcorp, 2010. Disponível em: <<http://www.abrapcorp.org.br/anais2010>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Histórico**. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/historico>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

BONOTTO, Martha Eddy K. Kling; SANTOS, Jussara Pereira. Curso de Biblioteconomia da UFRGS: currículo 2000. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2000. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/10207>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 18 out. 2017.

BRASIL. **Decreto n. 8.835, de 11 de julho de 1911**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-republicacao-102224-pe.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. **Decreto n. 56.725**. Rio de Janeiro. 1965. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

BRASIL. **Lei n. 4.084, de 30 de junho de 1962**. Dispõe sobre a Profissão de Bibliotecário e regula seu exercício. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 02 de julho de 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em: 31 jul. 2017.

CAMARGO, Juliano Leal. **Fabico**: uma memória a resgatar. Porto Alegre. 2009. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Bibliotecários**: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil: 1965-2015. Brasília, 2015.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. Influências de Émile Durkheim e Henri Bergson nas tensões teóricas da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs.

Primeiros Estudos – Revista de Graduação em Ciências Sociais da USP, São Paulo, n. 4, p. 101-111, mar. 2013. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/56729>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

COSTA, I. T. M. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico metodológico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

DANIEL, Priscilla. Angela da Costa Franco Jobim: apaixonada por livros, trouxe o ensino de Biblioteconomia para o Rio Grande do Sul. **Jornal da Universidade**, n. 152, p. 15, 31 ago. 2012. Disponível em:

<https://issuu.com/jornaldauniversidade/docs/ju_152_-_setembro_2012/15>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa qualitativa).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 1-6, 2008. Disponível em:

<<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4815/4305>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1976.

IZQUIERDO, IVÁN. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEITE, Bruno Martins Boto. A biblioteca do antigo Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro: inventário das obras que restaram. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 130, p. 255-289, 2010. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2010_00130.pdf>. Acesso em: 11 out. 2017.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222/222>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história. **Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Bagaço, 2007.

OLIVEIRA, Priscila Chagas. Fragmentos do pretérito: reflexões acerca da memória individual e coletiva. **Revista Museologia e Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 9, n. 5, p. 206-218, jan./jun. 2016. Disponível em: <periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17009>. Acesso em: 25 nov. 2017.

PINTO, Ana Maria Bresolin. **35 anos de ensino de biblioteconomia em Porto Alegre**: levantamento histórico do Curso de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 1984.

POMIAN, Krzystof. Memória: atlas, coleção, documento/monumento, fóssil, memória, ruína/restauro. In: **ENCICLOPÉDIA EINAUDI**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000. v. 42 (Sistemática), p. 507-516.

SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **As melhores práticas em Biblioteconomia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

SANTOS, Jussara Pereira; SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. Fabico, fragmentos de uma trajetória. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 275-290, jan./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/16595>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SILVA, Luiz Antônio Gonçalves da. As bibliotecas dos jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.13, n.2, p. 219-237, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n2/a14v13n2.pdf>> Acesso em 11 out. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE. **História**. Disponível em: <<http://biblioteconomia.furg.br/index.php/sobre-o-curso/historia>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções no curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915-1949). **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 130, p. 111-120, 2010. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2010_00130.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2017.

APÊNDICE A – LEIS E DECRETOS

Leis	Data	Disponível
1.254 Dispõe sobre o sistema federal de ensino superior	04/12/1950	http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1254.htm
4.084 Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício	30/06/1962	http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4084.htm
5.077 Cria a Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	23/08/1966	https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l5077.htm
5.540 Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências	28/11/1968	http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm
Constituição de 1988 Conjunto de leis fundamentais que organiza e rege o funcionamento do Brasil	05/10/1988	https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Fonte: Presidência da República, 2017.

Decreto	Data	Disponível
8.835 Aprova o regulamento da BN	11/07/1911	http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-republicacao-102224-pe.html
56.725 Regulamenta a Lei n. 4.084	16/08/1965	http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html

Fonte: Câmara dos Deputados, 2017.

ANEXO A – MEMORIAL ESCRITO PELA ARB PARA O ENTÃO REITOR ELYSEU PAGLIOLI

ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE BIBLIOTECÁRIOS
CAIXA POSTAL 2344
PALEGRE

CIRCULAR 1/63.

A ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE BIBLIOTECÁRIOS, órgão que congrega os bibliotecários do nosso Estado, através da Comissão de Ensino de Biblioteconomia, vem desenvolvendo esforços desde julho de 1960, afim de que os certificados e diplomas dos bibliotecários pudessem ser registrados na Divisão de Ensino Superior. (desde 1.960 registrados nas Reitorias.)

Após inúmeras demarches, que seriam por demais extensas enumerar nesta circular, a Associação encaminhou, em 3 de maio p.p., um "Memorial" ao Magnífico Reitor da URGs, onde, consubstanciou tôdas as reivindicações de seu quadro de associados no tocante ao registro dos certificados e diplomas.

Assim, transcreveremos na íntegra cópia do "memorial" para o conhecimento dos associados da ARB.

1 - Memorial

Exmo: Sr.
Prof. Elyseu Paglioli
Magnífico Reitor da URGs
N/C

Excelentíssimo Senhor Reitor:

A ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE BIBLIOTECÁRIOS, com sede provisória à Rua dos Andradas, nº 1049, 2º andar, órgão que congrega os bibliotecários do Estado do Rio Grande do Sul, preocupada com o grande número de pedidos de reivindicações dos seus associados, que exercem a profissão no âmbito federal, estadual e municipal, pede venia para expor e solicitar o que se segue:

1 - O Art. 4º da Lei 4084, de 30.6.62. (D.O.2.7.62). que regulamentou a profissão do Bibliotecário no Brasil, sem margem a qualquer dúvida, determina que os (bibliotecários) profissionais de que trata o Art. 2º, letras a e b, só poderão exercer a profissão após haverem registrados seus diplomas na Diretoria do Ensino Superior do Ministério de Educação e Cultura.

2 - Em portaria ministerial nº 162 de 7.10.1958, o Senhor Ministro do Trabalho e Previdência Social criou, no quadro das atividades e profissões a que se refere o Art. 577 da Consolidação das Leis do Trabalho, o 19º Grupo- Bibliotecários - compreendido no plano da Confederação Nacional das Profissões Liberais.

3 - A carreira de Bibliotecário é considerada técnica científica, de nível superior, pelo DASP, conforme parecer ao processo nº - - 3914-55, de 18.6.57. publicado no D.O. de 26.6.57, p. 16122, cujo § 7 diz textualmente: 7. "Verifica-se, pois, que o cargo de Bibliotecário deve ser considerado como técnico-científico, nos termos do Art. 3º do Decreto nº 35.956, de 2.8.1954. . . ."

3- O D.S.P. do Estado do Rio Grande do Sul, opinou em 26 de dezembro de 1947, que o bibliotecário "exerce função de caráter técnico para o desempenho da qual são necessários conhecimentos especializados...".

4 - Tanto o DASP, como a Secretaria de Administração do RGS, exigem, há muito, nos seus concursos para o provimento de cargos de bibliotecários, o diploma de curso de biblioteconomia, e evidentemente, farão cumprir os dispositivos da Lei 4084.

5 - Pelo Decreto nº 51.624, de 18.12.62, os bibliotecários foram incluídos na lista daqueles que fazem jus as vantagens previstas no Art.74, da lei 3780/60. (para os bibliotecários 15 %).

6 - Considerando-se que: O ensino da biblioteconomia no Rio Grande do Sul foi iniciado em 1947, como CURSO LIVRE DE BIBLIOTECONOMIA, anexo à então FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO; continuou do D.S.P; como CURSO EXTRAORDINÁRIO DE BIBLIOTECONOMIA, de 1950 a 1953 (formaram-se aí, apenas duas turmas: em 1951 e 1953); voltou a ser ministrado na FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, em 1954, consequência de convênio entre o Governo do Estado e aquela Faculdade, como CURSO DE BIBLIOTECONOMIA, anexo à mesma.

6.1 O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA anexo à Faculdade de Ciências Econômicas, de acordo com a Decisão nº 93/58 do Egrégio Conselho Universitário e Portaria nº 1216, de 17.11.58 da Reitoria, vem funcionando em nível superior desde 1958 e constituirá a ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO (ante-projeto da Lei de sua criação em tramitação).

7 - Os bibliotecários que exercem suas atividades neste Estado, na quase totalidade, fizeram seus estudos profissionais nos Cursos citados em 6 - 6.1, o mesmo tendo sucedido com os elementos que formam o atual corpo docente do CURSO DE BIBLIOTECONOMIA, anexo à Faculdade de Ciências Econômicas.

8 - O fato desses bibliotecários não terem seus diplomas ou certificados registrados conforme legislação vigente, cria-lhes situação constrangedora, pois nenhuma das vantagens que lhe são devidas por direito (algumas enumeradas em parágrafos anteriores), podem ser auferidas, havendo até dúvida sobre a validade do certificado do Curso de Biblioteconomia para inscrição em outro curso universitário da URGs ou da PUC;

9 - À vista das razões expostas, solicita esta Associação:
1º - que V. Magnificência, apoiando inteiramente as démarches do Exmo. Snr. Diretor Interino da Faculdade de Ciências Econômicas Prof. Hélio Machado da Rosa, no sentido de regularizar a situação do CURSO DE BIBLIOTECONOMIA e dos seus ex e futuros alunos, determine que sejam expedidos, com urgência que a atual situação exige, diplomas de bibliotecários a todos os colegas que concluíram os estudos nos cursos citados, no período de 1947 a 1957;

2º - que os diplomas expedidos pelo atual CURSO DE BIBLIOTECONOMIA, inclusive aqueles referidos no parágrafo anterior, sejam registrados pela Reitoria, na forma prevista pelo Decreto nº 48.938, de 14.9.60 e pela Portaria Ministerial de 1960, sob o nº 388.

10 - Confiamos que V. Magnificência levará em consideração as reivindicações apresentadas por esta Associação, que representam os problemas da família bibliotecária riograndense, e que determine as providências cabíveis para que se regularize a situação do CURSO DE BIBLIOTECONOMIA anexo à Faculdade de Ciências Econômicas da URGs, e, consequentemente, de toda a classe, que vem sofrendo classificações e enquadramentos injustos e discordantes com o grau de ensino e nível profissional universitário; nos serviços públicos federal, estadual e municipal do Rio Grande do Sul.

Valhemo-nos da oportunidade para apresentar a Vossa Magnificência nossos protestos de admiração e apreço.

Sully Brodbeck
Coord. Com. Ens. Bibliot.

Lourdes Gregol
Presidente em exercício

1.1 - A Associação Riograndense de Bibliotecários, através de sua Diretoria manteve diversos contatos pessoais com o Exmo. Dr. Hélio Machado da Rosa, após a entrega do "memorial" ao Magnífico Reitor, e, está certa de que não serão expedidos novos diplomas, mas sim registrados os antigos certificados e diplomas que o curso de Biblioteconomia já expediu.

fls.3

1.2 - Para isso, a Exma. Coordenadora do Curso de Biblioteconomia, D. Zenaira Márques, está chamando, através dos jornais da capital, os concluintes do Curso desde 1947.

1.3 - Após os registros dos certificados ou diplomas os bibliotecários lotados no Serviço Público Estadual, para obterem enquadramento no Quadro Único dos Funcionários Técnico-Científicos, dependerão de Lei do Executivo.

1.4 - Aos bibliotecários lotados no Serviço Público Federal, já foi votado vantagens auferidas aos portadores de diplomas de nível superior. (Ver item 5 do Memorial)

1.5 - No âmbito federal a FEBAB, tem se empenhado vivamente para o perfeito enquadramento dos bibliotecários. (objeto de outra circular).

2 - IV CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

2.1 - A ARB, comunica aos seus associados que será realizado em Fortaleza, Ceará, no período de 7 a 14 de julho p. o IV Congresso de Biblioteconomia e Documentação, em cumprimento à resolução tomada no conclave anterior realizado em Curitiba.

Este Congresso reunirá em Fortaleza representantes de instituições biblioteconômicas do Brasil e do Exterior.

Os bibliotecários que desejarem conhecer o plano de diretrizes, temário e objetivos do conclave, a ARB tem a disposição o Regulamento do Congresso.

Já se encontram em poder da Associação as fichas de inscrição, para isso divulgamos o art. 7 do capítulo III do regulamento do Congresso:

São obrigatórias as inscrições para a participação no IV Congresso e as taxas obedecerão às seguintes categorias: Bibliotecários . . . cr\$ 500,00; Acompanhantes ou ouvinte cr\$ 600,00; Instituições cr\$ 1.000,00.

2.2 - Secretário Executivo

A Associação Riograndense de Bibliotecários, através de sua presidente em exercício, foi distinguida com um convite por parte da Universidade do Ceará, para participar como Secretário Executivo do IV Congresso de Biblioteconomia e Documentação, o que sobretudo honra a classe bibliotecária do Rio Grande do Sul.

Nota: A A.R.B. convida a seus associados para a missa em Ação de Graças, na Igreja S. José, dia 23 deste às 11 horas, em regosijo pela solução de interesses há muito pleiteados pela classe. (Registro dos diplomas).
Encarecemos a presença de todas associadas.

A Diretoria.

**ANEXO B – DIPLOMA DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO LIVRE DE
BIBLIOTECONOMIA EM 1947**

UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

CURSO LIVRE DE BIBLIOTECONOMIA

Na qualidade de Diretor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade do Rio Grande do Sul e com fundamento nos dispositivos regimentais e nas leis que regulam o ensino no País certifico que Izete Margarida Neubauer cursou com aproveitamento, tendo sido aprovado nos exames finais, o curso livre de Biblioteconomia realizado por esta Faculdade durante o ano letivo de 1947.

Porto Alegre, 16 de dezembro de 1947.

Laudelino Medeiros
DIRETOR

Izete Margarida Neubauer
O ALUNO:

ANEXO C – INFORMAÇÕES SOLICITADAS PELO MEC EM 09 DE SETEMBRO
DE 1963

UNIVERSIDADE PUCGRANDE RJ 47
IDADE PESSOA 52 NESTA
RUBR 11705.24.4.18 1892

PRELIMINAR: 4711.4.8.6X PECO INFORMEIS MAXIMA URGENCIA NR VAGAS

EXISTIAM INICIO CORRENTE ANO PRIMEIRA SÉRIE CURSO
BIBLIOTECONOMIA DOCUMENTAÇÃO PTVS NR CANDIDATOS EXISTIAM
E DESSES QUANTOS APROVADOS PTVS NR PROFESSORES POR SEXO
ESTAVAM LECIONANDO REFERIDO CURSO PTVS NR ALUNOS POR SEXO
ESTAVAM MATRICULADOS INICIO ANO PTVS NR ALUNOS POR SEXO
CONCLUÍRAM CURSO 1962 PTVS NR TOTAL PROFESSORES POR SEXO
ESTAVAM LECIONANDO ESTABELECIMENTO INCLUINDO DATERRATIDOS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
15 ECONOMICA

10-9-1963

50

no início do ano letivo
em no início do ano letivo: 114
concluíram o curso em 1962: 1
em o curso em 1962: 11
2 contratados
9 contratados
e Documentação *Atenção a Faculdade*

1. Solicitar para preparar o expediente em respeito a estatutos, visando aos dados da informação supra.

10/9/63
Guimarães
11/9/63
Amilcare - sr
2-10-9-63

INFORMAÇÕES

Número de vagas, na 1ª série, no corrente ano letivo: 50

Número de candidatos: 41

Número de candidatos aprovados: 40

Número de professores masculinos: 2

Número de professores femininos : 9

Número de alunos masculinos matriculados no início do ano letivo: 6

Número de alunos femininos matriculados no início do ano letivo: 114

Número de alunos masculinos, que concluíram o curso em 1962: 1

Número de alunos femininos, que concluíram o curso em 1962: 11

Total de professores masculinos: 2 contratados

Total de professores femininos: 9 contratados

Nome: Curso de Biblioteconomia e Documentação *Atenção a Faculdade de Ciências Econômicas*

**ANEXO D – RELATÓRIO DE REINVIDICAÇÕES DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO EM 21 DE OUTUBRO DE 1963**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

R E L A T Ó R I O

São as seguintes as necessidades imediatas:

Incluir no orçamento de 1964 verba para dois novos professores, que lecionarão as matérias: Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, e Psicologia das Relações Humanas. A primeira citada consta no currículo oficial do MEC, e, a segunda consta no novo Regimento, cujo anteprojeto já foi entregue ao Senhor Diretor.

Incluir no orçamento verba para aquisição de obras técnicas.

Providências junto à Reitoria a fim de que se efetue os pagamento dos novos professores: Jahyza de Albuquerque Petry, que leciona Paleografia, desde 11 de março; Carlos Antonio Mancuso, que leciona História da Arte, desde 16 de abril; Edi Madalena Fracasso, que lecionou Introdução aos Estudos Históricos e Socias, desde 16 de abril, e, que a partir de 1º de agosto foi substituída pela professora Ana Maria Bresolin, na mesma matéria.

Atualmente o professor Maximiliano Bottari está respondendo pela cadeira Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, pois, houve receio de convidar outro professor e não haver verba, fato que está acontecendo, mesmo com o professor Carlos Antonio Mancuso que substitui o professor M. Bottari desde 16 de abril, e, cuja verba já figurava no orçamento deste ano.

Providências junto ao MEC a fim de que envie à Câmara o projeto de lei sobre a criação da Escola de Biblioteconomia e Documentação.

Melhorar a situação funcional e a remuneração dos professores, que há mais de 10 anos trabalham em condições adversas, percebendo por aula e sem assistentes..

Melhorar a remuneração da coordenadora.

Para o próximo exercício são necessários três assistentes para as seguintes matérias: Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas e Catalogação. As professoras destas matérias desde 1959 lecionam nas três séries; tôdas numerosas; com a introdução de créditos para o ano de 1964, estas matérias são as que justamente têm maior número de aulas, pois, foi estabelecido 12 créditos para cada uma delas.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

O curso atualmente tem 117 alunos, assim distribuídos: 46 na 1ª série; 36 na 2ª série e 35 na 3ª série.

Tôdas as matérias indicadas, no currículo mínimo, do Conselho Federal de Educação, são lecionadas. (Parecer nº 326 de 16-11-1962)

Ainda são necessários os seguintes funcionários para o bom andamento dos serviços: secretário, datilógrafo, servente. Desde 1956 a coordenadora é quem faz tôda correspondência, relatórios, informes, etc.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CORPO DOCENTE

Mirna Grolman	Organização e Administração de Bibliotecas, na <u>1ª, 2ª e 3ª séries</u>
Lucília Mibsem	Bibliografia e Referência na <u>1ª e 2ª séries</u>
Zahyra Corrêa Santos	História do Livro e das Bibliotecas na <u>1ª e 2ª séries</u>
Zahyra de Albuquerque Petry	Faleografia na <u>2ª série</u>
Adla Drägg de Freitas	Documentação na <u>2ª série</u>
Ana Maria Bresolin	Introdução aos Estudos Históricos e Sociais na <u>1ª série</u>
Carlos Antonio Nuncuo	História da Arte na <u>2ª série</u>
Selma Kern	Classificação na <u>1ª e 2ª séries</u>
Talita Teresa Bogo	Classificação na <u>2ª série</u>
Maximiliano Bottari	História da Literatura na <u>2ª série</u>
Maximiliano Bottari	Evolução do Pensamento Filosófico e Científico na <u>1ª série</u> (responderá provisoriamente pela cadeira)
Zenaira Garcia Múrcos	Catálogo na <u>1ª, 2ª e 3ª séries</u>